

NEM TODA VIAGEM PRECISA
DE UM DESTINO,
SÓ DE UM BOM MOTIVO PARA SAIR.



NOVO
ECLIPSE
CROSS 2026

UM FENÔMENO PARA QUEM DIRIGE.

5
ANOS DE
GARANTIA

4X4
É MITSUBISHI



Estar no topo da
experiência financeira
já foi pra poucos.
Aqui é o padrão pra você



Baixe o app
e abra
sua conta

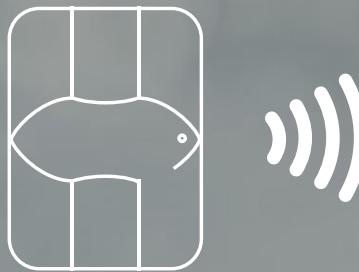


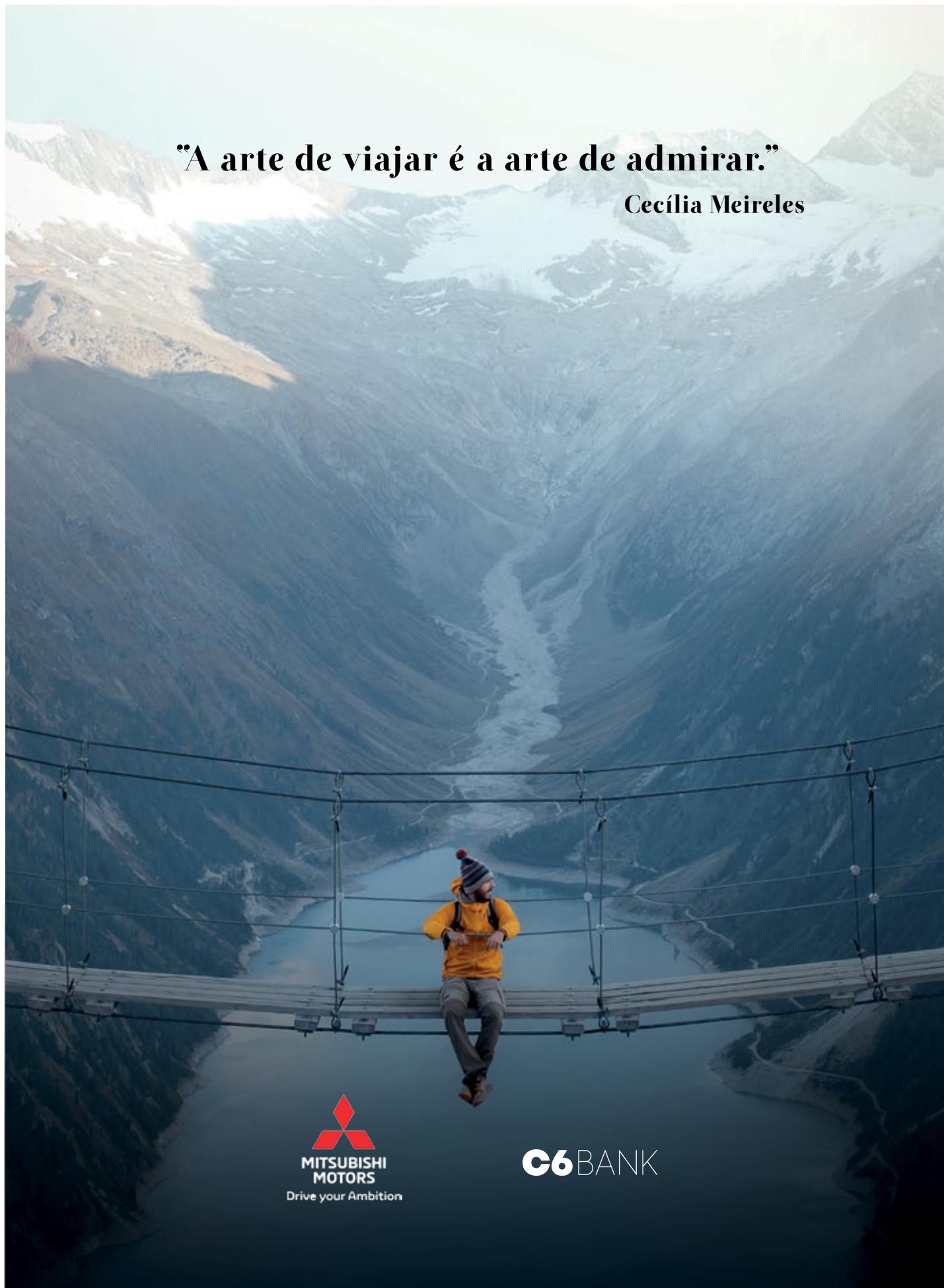
C6 BANK

uma sociedade com **JPMorganChase**

Sumário

014	360º – Palácios, cabanas, <i>cottages</i> e outros refúgios para sonhar
028	48 Horas – Doha: surpreendentes descobertas culturais e históricas
034	Sustentabilidade – Uma nova chance para os pássaros de Noronha
036	Festivais – Día de los Muertos e a festa da vida em Oaxaca
042	Biblioteca – Livros de gastronomia que também desvendam destinos
046	Check-in – Viagens leves e conscientes, bagagens idem
048	Brasil – Fernando de Noronha, um paraíso acima de qualquer sonho
060	Cultura – Uma jornada literária pela Bahia de Jorge Amado e seus parceiros
072	Arte – O potencial genial de um giro <i>artsy</i> por Sydney
084	Esporte – Rote, no Timor Ocidental: um paraíso intocado
096	Bem-estar – Dormir bem: a nova terapia nos spas do mundo
106	Proudly – Diversão, segurança e inclusão: a nova cara de Medellín
110	Ensaio – A natureza impactante através das lentes de Augusto Gomes
118	Gastronomia – Madri, sabores sem fronteiras entre tradição e modernidade
126	Aventura – Tanzânia: o espetáculo mágico da grande migração no Serengeti
140	Entrevista – Christine Gaudenzi, o nome por trás dos hotéis de Coppola
144	Crônica – O chamado da terra
146	Inspiradores – Freya Stark, um século de aventuras





“A arte de viajar é a arte de admirar.”

Cecília Meireles

MITSUBISHI
MOTORS
Drive your Ambition

C6 BANK

UNQUIET
Movement is life



Editorial

Viajar pelo planeta sempre me transforma. Especialmente quando visito lugares remotos, onde o contato com a natureza e com as pessoas oferece ensinamentos para a vida. A cada viagem, descubro um pouco mais sobre minha própria essência, mantendo um ciclo de aprendizados a partir da vivência de culturas genuínas e únicas.

Essa experiência se evidenciou quando viajei à Tanzânia para presenciar um dos maiores espetáculos da vida selvagem: a grande migração de gnus e zebras vindos do Quênia, nossa primeira capa do ano.

No Brasil, retornei a Fernando de Noronha após quase 20 anos, para reviver paisagens e praias bem preservadas. Ainda em território nacional, nossa equipe esteve em Salvador para revisitar a história de Jorge Amado, do pintor Carybé e do fotógrafo franco-brasileiro Pierre Verger – ícones imortais da cultura brasileira. Cruzamos o planeta rumo à Austrália para apreciar a arte ancestral do povo aborígene e a criatividade dos artistas contemporâneos do país. Em Timor, um destino remoto que mantém vivas as tradições comunitárias, exploramos a Ilha de Rote praticando *stand-up paddle* e surfando em praias desertas e intocadas.

Para os amantes da gastronomia, Madri revelou restaurantes premiados e outros locais que reafirmam a excelência culinária da cidade. E, acompanhando a tendência crescente de destinos voltados ao bem-estar, rodamos o planeta para conhecer diversos tratamentos do sono que têm surgido recentemente.

Do cinema ao turismo sustentável, tivemos a oportunidade de entrevistar a CEO dos hotéis de Francis Ford Coppola para descobrir os projetos de proteção ambiental e das culturas locais – um exemplo inspirador para a indústria do turismo.

Convidado todos a viajar pelas páginas da UNQUIET e a seguir conosco rumo a destinos únicos para muitos aprendizados.

Boa leitura!

Stay alive.
Be Unquiet



CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

PUBLISHER
Corinna Sagesser

Diretor Editorial
Fernando Paiva (*in memoriam*)

Diretor Executivo
André Cheron

Diretora de Conteúdo
Nathalia Hein

Consultor
Erik Sadao

Diretor Comercial
Ricardo Battistini

Diretor de Arte
Ken Tanaka

Editor de Arte
Raphael Alves

Gerente de Marketing e Conteúdo Digital
Luciana Lancellotti

Coordenadora Digital
Patricia Poli

Produtora de Conteúdo Digital
Karina Perussi

Projeto Gráfico
Ken Tanaka e Raphael Alves

Gerentes de Contas e Novos Negócios
Gabriel Matyvenko, Mirian Pujol e Ney Ayres

Colaboraram neste número

Texto: André Fischer, Carolina Sagesser Rodrigues, Corinna Sagesser, Daniel Nunes Gonçalves, Daniel Setti, Erik Sadao, Fernanda Meneguetti, Luciana Lancellotti, Nathalia Hein, Roberta Borsari e Walterson Sardenberg S^o

Fotos: Alamy, Andrea D'Amato, Augusto Gomes, Getty Images, Istock Images, Mauricio Nahas, Tom Alves e Victor Collor

Ilustração: Antonio Tavares e Carina Desana

Revisão: Paulo Kaiser

CAPA

Victor Collor

Custom Editora Ltda.

Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista

São Paulo (SP) – CEP 01407-200

Tel. (11) 3708-9702

revistaunquiet@customeditora.com.br

Assinaturas revistaunquiet.com.br/assine

A versão digital está disponível no site revistaunquiet.com.br



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.

DICAS DIÁRIAS:

@revistaunquiet
/revistaunquiet

in /revistaunquiet
revistaunquiet.com.br

Colaboradores



Apixonado por viagens, natureza e cultura, **Daniel Nunes Gonçalves** é um jornalista com reportagens publicadas em alguns dos principais veículos de comunicação do Brasil. Autor da coluna semanal *Viagem Consciente*, na rádio Nova Brasil FM e no Spotify, ele colabora para a UNQUIET desde a edição 1. Dessa vez, viajou com o Clube Nomad de Leitura para apresentar a Salvador de Jorge Amado, Carybé e Pierre Verger. Saiba mais na matéria de Cultura.



Andréa D'Amato é fotógrafa e doutoranda em antropologia pela Universidade Federal de São Paulo. Paulistana, ela é uma apaixonada confessa por Salvador, cidade para onde sempre escapa quando tem tempo. Adepta do candomblé, foi iniciada no Ilê Axé Opô Aganjú, uma casa tradicional na Bahia, fundada pelo babalorixá Obarayi com o apoio de Pierre Verger. A Bahia de Jorge Amado, Carybé e Verger é o tema da reportagem retratada pela fotógrafa na seção Cultura.



Augusto Gomes é biólogo, fotógrafo e documentarista de natureza. Montanhista e mergulhador apaixonado, ele viaja pelo planeta em busca de imagens que reacendam a conexão das pessoas com o mundo natural e fomentem ações de conservação. Trabalha em filmes e reportagens sobre a história natural, a vida selvagem e a conservação para veículos como National Geographic, BBC Studios, Disney Plus e Discovery Channel, entre outros. Nesta edição, assina as fotos do Ensaio.



Formada em comunicação, **Roberta Borsari** sempre teve os pés em duas canoas, liderando equipes criativas e nos esportes de aventura. No Brasil, ela foi pioneira em modalidades da canoagem, como *rafting*, *kayaksurf*, canoas havaianas e *stand-up paddle*. Detém títulos nacionais e internacionais, travessias inéditas, palestras e artigos publicados. Com o projeto SUPtravessias, ela explora ilhas nos quatro cantos do mundo. Nesta edição, mostra a sua jornada pelo Timor Ocidental, na seção Esporte.



Luciana Lancellotti já foi repórter e apresentadora na Rede Globo, comandou a redação da revista *Wine* e atuou como crítica de restaurantes na revista *Playboy*. Premiada pela Comissão Europeia de Turismo, ela desbrava o globo provando o melhor que ele oferece e transforma as viagens em histórias saborosas. Na UNQUIET, além de comandar o marketing e o conteúdo digital, Luciana assina a coluna *Check-in*. Nesta edição, propõe, na seção Biblioteca, viajar o mundo tendo como guia alguns de seus livros favoritos de gastronomia.



Sempre munido de sua câmera, o fotógrafo alagoano **Victor Collor** viaja o mundo em busca de belas imagens com um olhar especialmente generoso para os temas de natureza e meio ambiente. Autor da série *Primeiros Brasileiros*, pela causa Kuikuro no Xingu, ele costuma desbravar destinos remotos com entusiasmo e curiosidade. São dele as imagens da matéria de Aventura desta edição, que registram o espetáculo da grande migração na Tanzânia.



Carina Desana, conhecida pelo nome indígena Horopakó, é ilustradora, designer e artista visual. Já realizou trabalhos para Endemol Brasil Shine e Netflix, trazendo sua ancestralidade e sua cosmovisão por meio da arte. Residente de Novo Airão, no Amazonas, Carina estuda design digital e formação de professores indígenas pelo projeto Pirayawara. Jovem liderança indígena em seu território, é também ativista da luta indígena. Sua arte ilustra a Crônica.



Um dos mais renomados nomes da fotografia nacional, **Maurício Nahas** atua em projetos como artista visual, diretor de cena e fotógrafo em campanhas publicitárias e projetos editoriais para as mais importantes agências de publicidade brasileiras. Entre as inúmeras premiações, tem dez Leões no Festival de Cannes e estrelas de ouro, prata e bronze no Clube de Criação e assina a direção de vários filmes, além de diversas exposições e livros publicados. Com a UNQUIET, ele foi a Fernando de Noronha para registrar as imagens da seção Brasil.



NAVEGANDO ENTRE PAREDÕES

É assim no Cânion do Xingó, nas águas do Rio São Francisco, entre Sergipe e Alagoas

POR WALTERSON SARDENBERG S°

Nem todo mundo sabe, mas o Brasil tem mais de 20 cânions. Uma curiosidade: o Cânion do Xingó, em Sergipe, um dos mais incensados, nem sequer existia três décadas atrás. Explica-se: foi formado como o efeito colateral do represamento do Rio São Francisco, no sertão do Nordeste. Assim ocorreu em 1994, para erguer a usina elétrica de Xingó, na divisa entre Alagoas e Sergipe. Fincada a três horas de Aracaju (196 km) e a quatro de Maceió (297 km), a barragem reteve a vazão das águas, triplicando o leito do Velho Chico naquele trecho.

Antes disso, havia só uma vegetação de caatinga, além de impressionantes formações rochosas. Com a hidrelétrica, as terras áridas foram submersas. Sobraram as rochas, agora menos majestosas,

mas ainda impactantes. Elas correm em braços de rios, formando o quinto maior cânion navegável do mundo. As “gargantas” exibem paredões amarelados ou avermelhados, em contraste com o verde-esmeralda das águas.

Navegar no Velho Chico já seria, por si só, emocionante. O primeiro europeu a encontrá-lo foi Américo Vespúcio, em 1501. Ele o batizou com o nome do santo do dia: são Francisco de Assis.

O cânion reforçou o turismo nas duas cidades-irmãs à margem das águas. Do lado sergipano está Canindé de São Francisco. Do alagoano, Piranhas. Os catamarãs turísticos zarpam do restaurante Karrankas, na margem sergipana. Ao longo de uma hora, navegam entre os paredões até uma vasta piscina natural, onde a natação é liberada. A partir

Acima, o casario histórico da cidade de Piranhas, vista da mesma cidade sobre o Rio São Francisco e a New Triton. Na página ao lado, barquinho navega para a entrada da Gruta do Talhado, no Cânion do Xingó

FOTOS: ISTOCK E DIVULGAÇÃO

daí, segue-se por mais dez minutos em barcos menores, capazes de navegar pela área mais estreita, próximo da Gruta do Talhado. Para quem resiste a um catamarã lotado, a alternativa é contratar uma lancha. Elas zarpam com no máximo seis passageiros.

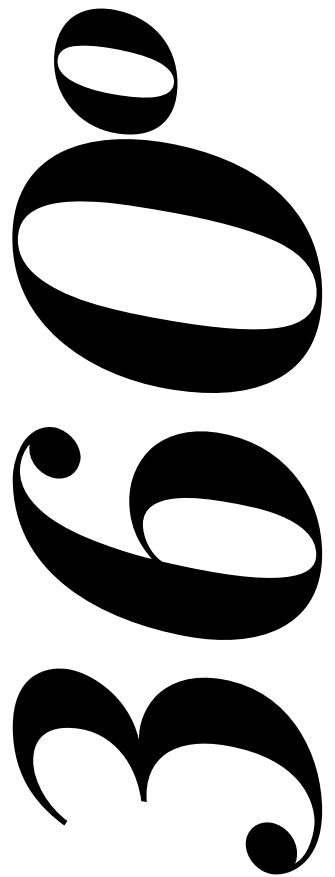
Embora Canindé (29 mil moradores) e Piranhas (26 mil) tenham populações similares, os visitantes costumam dar preferência a essa última para se hospedar e fazer as refeições. Até porque ela tem história.

Vários prédios de Piranhas, datados dos séculos XVIII e XIX, foram tombados pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Dom Pedro II se hospedou aqui. Já no século XX, o lugarejo ganhou fama em virtude do bando de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (1898-1938). De Piranhas, em 1938, partiu o pelotão que desbaratou os cangaceiros. Foram decapitados. Parte dessa saga pode ser revisitada no Museu do Sertão. O acervo não é grande, mas reúne roupas e armas dos cangaceiros.

A melhor opção de hospedagem em Piranhas é o Hotel Pedra do Sino. Até porque tem piscina – um aliciante predicable, em uma região de sol inclemente. Fica a 100 m do Mirante Secular e a 80 do Museu do Sertão. A principal vista é oferecida pelo restaurante Flor de Cactus. Para chegar, encara-se uma estradinha de terra. Nenhum empecilho para quem viaja a bordo de um Mitsubishi 4x4 – mais informações em mitdrivelines.com.br

Canindé também tem chamarizes. Entrou no noticiário em 2016, como o cenário da telenovela *Velho Chico*, da Globo. Na cidade fica o Museu de Arqueologia de Xingó, com uma coleção de mais de 50 mil peças. Revela-se que o homem já vivia na região há 9 mil anos. ♦

mitdrivelines.com.br



O novo palácio da família real marroquina no Mediterrâneo, um refúgio de safári intimista no Quênia, um cottage elegante na Córsega, o novo retiro zen de Bali, cabanas na Patagônia Chilena, sustentabilidade cool no novo reduto de kitesurf do Ceará e o hotel que incluiu a Puglia na rota do glamour do verão italiano

POR NATHALIA HEIN



ROYAL MANSOUR TAMUDA BAY

Propriedade da família real marroquina, a singular rede de hotéis Royal Mansour acaba de abrir sua terceira propriedade – as duas primeiras ficam em Marrakesh e Casablanca, respectivamente –, no Marrocos Andaluz, ao norte do país. Trata-se de um *resort* na costa da lendária Tetuán, região de temperaturas amenas quase o ano inteiro graças à Cordilheira Rif, que envia água para os vales e garante o cenário verdejante. O hotel fica em um trecho de areias douradas, entre uma marina e uma península rochosa na costa do Mediterrâneo, e reforça o legado de excelência do grupo em cada detalhe, da arquitetura, que mescla a tradição marroquina e toques de modernidade, ao serviço impecável. São apenas 55 suítes e vilas (a maior delas tem, pasme, 1.700 m²), todas servidas por um mordomo e voltadas para o mar turquesa. Entre as experiências mais marcantes propostas pelo Tamuda Bay, a gastronomia, certamente, é a principal, já que três *chefs* estrelados assinam o cardápio dos quatro restaurantes de alta gastronomia. O spa, outra tradição da rede, também oferece tratamentos voltados ao rejuvenescimento com protocolos de última geração.

royalmansour.com





MARA TOTO TREE CAMP

A definição perfeita de uma casa na árvore. Camuflado por árvores de ébano, folhas verdes, figueiras selvagens e mogno, o pequeno Mara Toto – toto significa “bebê” em suaíli – causa impacto mínimo à paisagem de uma área isolada da reserva Masai Mara, no Quênia. A sensação é ter a natureza para si, compartilhando-a apenas com os animais e os masais, que recebem os pouquíssimos hóspedes – são apenas quatro tendas, para no máximo oito pessoas –, com largos sorrisos e muito entusiasmo em apresentar sua terra abençoada. As acomodações são conectadas por uma passarela, elevada a uma área comum, onde há uma biblioteca e um deque de madeira, onde ficam as mesas de jantar, com vista para o rio (repleto de hipopótamos e crocodilos) e para a planície infinita. Trata-se da 14^a propriedade da rede Great Plains Conservation, pioneira em turismo de conservação, o que garante que toda a experiência no camp seja voltada para este conceito: da hospedagem elegante aos safáris, passando por gastronomia, decoração e *amenities*, tudo é baseado, como prioridade, no bem da natureza e das comunidades nativas.

greatplainsconservation.com





A PIGNATA HOTEL

A atmosfera caseira e bucólica e o acolhimento de uma propriedade familiar talvez sejam os principais motivos de arrebatamento dos hóspedes do A Pignata Hotel, uma das mais antigas pousadas de estilo fazenda da Córsega. Situada no coração de Alta-Rocca, entre Levie e Ste-Lucie de Tallano, o lugar carrega a calma e a serenidade do sul dessa ilha francesa, com paisagens montanhosas, como Aiguilles de Bavella e suas afamadas piscinas naturais. A rotina no hotel é de *dolce far niente*. A proposta é mesmo relaxar e aproveitar o entorno entre caminhadas ao ar livre, passeios a cavalo e degustações de acepices locais, a exemplo da famosa charcutaria da fazenda. Ou ainda desfrutar de pequenos luxos, como quartos aconchegantes – há também dois chalés elevados, no melhor estilo “casa na árvore”, e outros dois *caseddi* (uma espécie de chalé, elegante e amplo, construído em antigos celeiros de pedra). Pode-se usufruir ainda de piscina coberta, *hamman*, uma farta biblioteca e, claro, a gastronomia, preparada pelos anfitriões, com receitas de família que celebram a cozinha da ilha e utilizam apenas ingredientes locais e sazonais.

apignata.com



Rua da Consolação, 3378 - Jardins - São Paulo
Rua Redentor, 64 - Ipanema - Rio de Janeiro

OCEANIA
CRUISES®
YOUR WORLD. YOUR WAY.®



OCEANIA
CRUISES®
YOUR WORLD. YOUR WAY.®

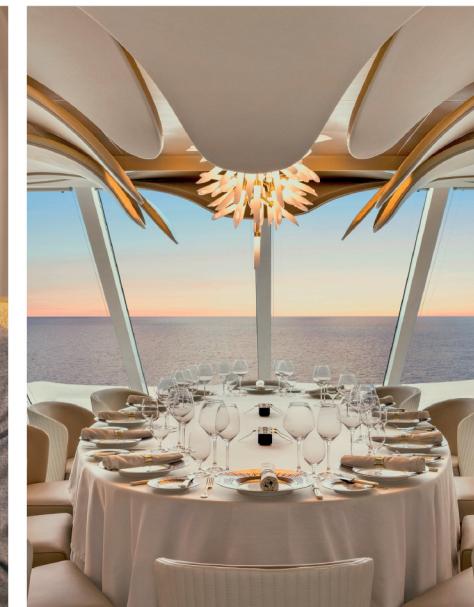
Allura.

O SEU
MUNDO *está*
TE ESPERANDO.

ENTREGUE-SE À EVOLUÇÃO
CONTÍNUA DA OCEANIA CRUISES.



ESCANEIE AQUI
PARA OFERTAS
ESPECIAIS



VISITE OCEANIACRUISES.COM | LIGUE PARA 0800 400 3130 | CONTATE SEU AGENTE DE VIAGENS



THE FINEST CUISINE AT SEA. ITINERÁRIOS PREMIADOS. NAVIOS LUXUOSOS E ACONCHEGANTES



ANANTARA UBUD

Um dos valores essenciais da rede Anantara é a conexão de seus hotéis com a cultura dos destinos nos quais se instala. Em Bali, essa essência é captada com serenidade no segundo e novíssimo hotel da rede – o primeiro é o Anantara Uluwatu, na costa –, instalado no alto da montanha na floresta Payangan, isolado, porém a apenas 20 minutos do centro de Ubud. O segredo começa a ser desvendado ao adentrar os portões da propriedade, momento em que o excessivo turismo da ilha é esquecido e a essência do destino, com toda a sua energia e espiritualidade, é retomada com vigor. A mistura de influências hindus e balinesas conduz o estilo das 85 suítes e villas, construídas para ficarem imersas na vegetação. A gastronomia, sob o comando do chef James Willis, celebra clássicos da cozinha indonésia com maestria. Mas é no quesito bem-estar que o Anantara Ubud realmente se supera: um dos pilares da marca, o *wellness* é prioridade e o spa do resort propõe experiências que ultrapassam suas paredes, a exemplo de uma visita a um templo na remota vila de Bukain (para sessões com o sumo sacerdote, Sri Empu, visando a purificação de fogo e a iluminação), programas com curandeiros cegos e visitas imersivas a templos aquáticos raramente visitados.

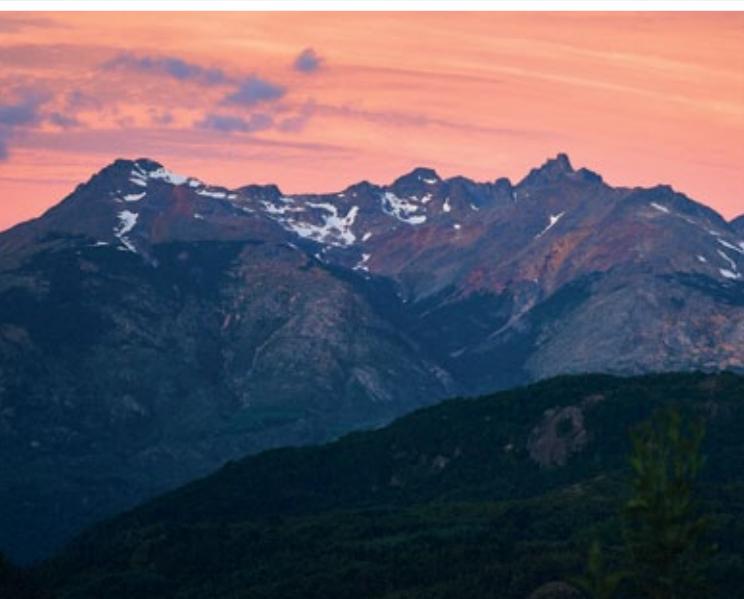
anantara.com



MAPU LODGE

Exaustos da vida cosmopolita e dos excessos das grandes cidades, o casal Gustavo Zylberstajn e Patricia Beck escolheu uma palavra como lema para a sua vida: simplicidade. Foi a partir desse mote que, em 2014, ambos iniciaram o sonho do Mapu Lodge, na longínqua Futaleufu, na Patagônia chilena, em uma das portas de entrada da Carretera Austral. Mapu, que significa “terra”, passou também a ser o pilar central do projeto, que preza pelo respeito à natureza, ao entorno, à vida nativa e aos ciclos da vida. O cenário cinematográfico da propriedade tem estrutura para receber pouquíssimos hóspedes, em apenas quatro aconchegantes cabanas, espalhadas pelo amplo terreno, além de uma área comum, onde a ideia é cozinar, escutar música, assistir filmes e fazer conexões. Além de uma hospedagem ultracharmosa, as experiências podem ser esportivas, com *trekking*, *rafting*, canoagem e cavalgadas, ou propostas pontuais, sugeridas pelos próprios anfitriões, como programas que incluem *workshops* de fotografia, música, culinária e encontros literários.

mapuchile.com

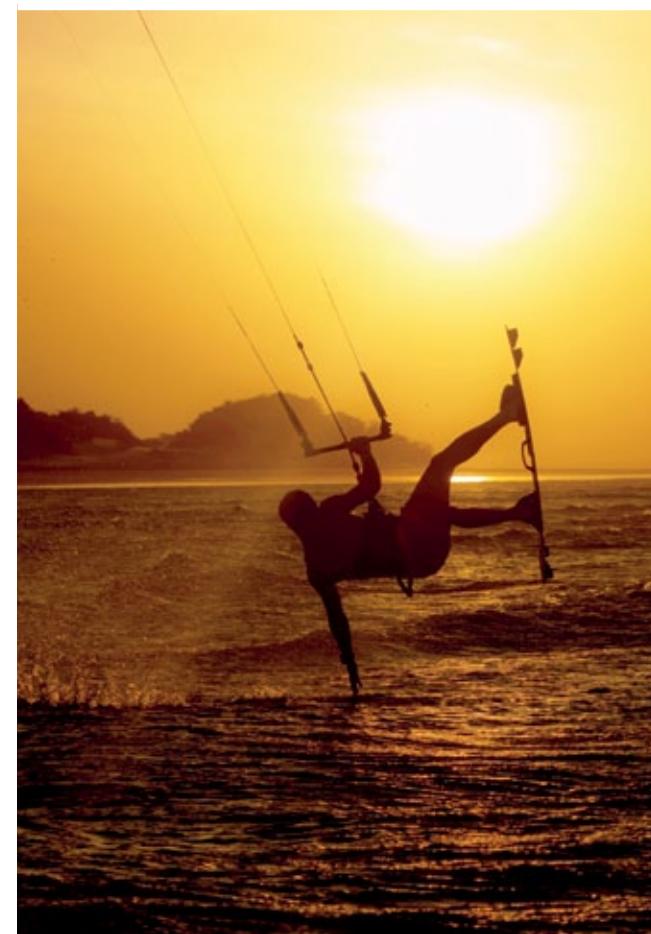




MORÉIAS

Com um projeto inteiramente baseado na preservação da biodiversidade e da natureza da região de Camocim, a Fazenda Moréias surge como um exemplo de sustentabilidade e de boas práticas ambientais no turismo de conservação na área que é hoje considerada a meca do kitesurfe no Brasil, a região que compreende o litoral do Ceará entre Tatájuba, Preá e Jericoacoara. Um refúgio de sofisticação e simplicidade em meio às dunas abundantes, com 8 km de praias preservadas, ela integra o conceito de *slow life* e faz um convite ao essencial. A sensação é estar adentrando uma típica vila de pescadores – claro, revisitada com muito conforto e elegância –, com bangalôs de telhado de palha de carnaúba, madeira e materiais locais, em uma decoração charmosa e *clean*. O restaurante Orós serve pratos sofisticados, baseados na cozinha local, com os frutos do mar sempre frescos. O destaque, claro, é o kitesurfe, mas os hóspedes podem usufruir de outros programas, como saídas de barco e passeios nas dunas.

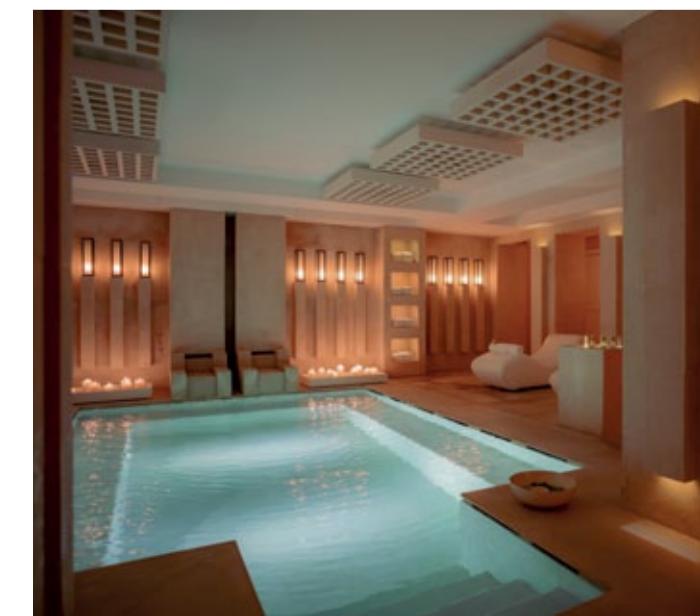
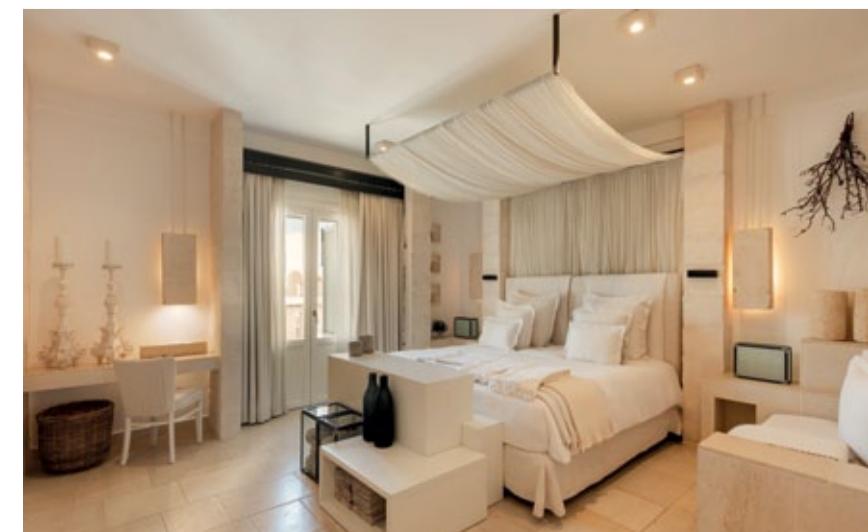
[@fazendamoreias](http://fazendamoreias.com)



BORGEOGNANIA

A história de amor de uma família pela Puglia, sua cultura e sua história foi o que motivou a construção do Borgo Egnazia. A ideia dos Melpignano, que construíram o hotel entre 2005 e 2010, foi recriar um vilarejo onde é possível que o hóspede viva todas as experiências dessa região italiana. Instalado na pequena Savelletri di Fasano, às margens do Mar Adriático, a imensa propriedade foi precursora entre os empreendimentos do tipo na Puglia. Cercada por oliveiras centenárias, ela recebe os hóspedes em quartos, suítes e magníficas vilas espaçosas, que remontam às casas italianas da região, com muita elegância e total privacidade. A estrutura do hotel contempla todos os gostos, com experiências de alta gastronomia e de *trattoria* em seus restaurantes, com pratos preparados com ingredientes regionais – a burrata nasceu na Puglia –, além de estrutura de *beach club*, campo de golfe, seis piscinas (separadas para adultos e crianças), tratamentos no Vair Spa e um lindo entardecer à beira-mar.

borgoegnazio.com





VÁ MAIS
LONCE
E CHEGUE MAIS
PERTO



NOVA STREET GLIDE™ ULTRA 2025

Imagens meramente ilustrativas. Os veículos apresentados poderão variar visualmente e diferir dos veículos fabricados e entregues. A disponibilidade pode variar conforme o mercado.

PRODUZIDO
NO PÓLO INDUSTRIAL
DE MANAUS
CONHEÇA A AMAZÔNIA



DESEJERE
SEU BEM MAIOR É A VIDA.

Doha Além das Expectativas

Dois dias na capital do Catar promovem uma viagem no tempo, entre o passado e o futuro, além de ser uma grata surpresa cultural

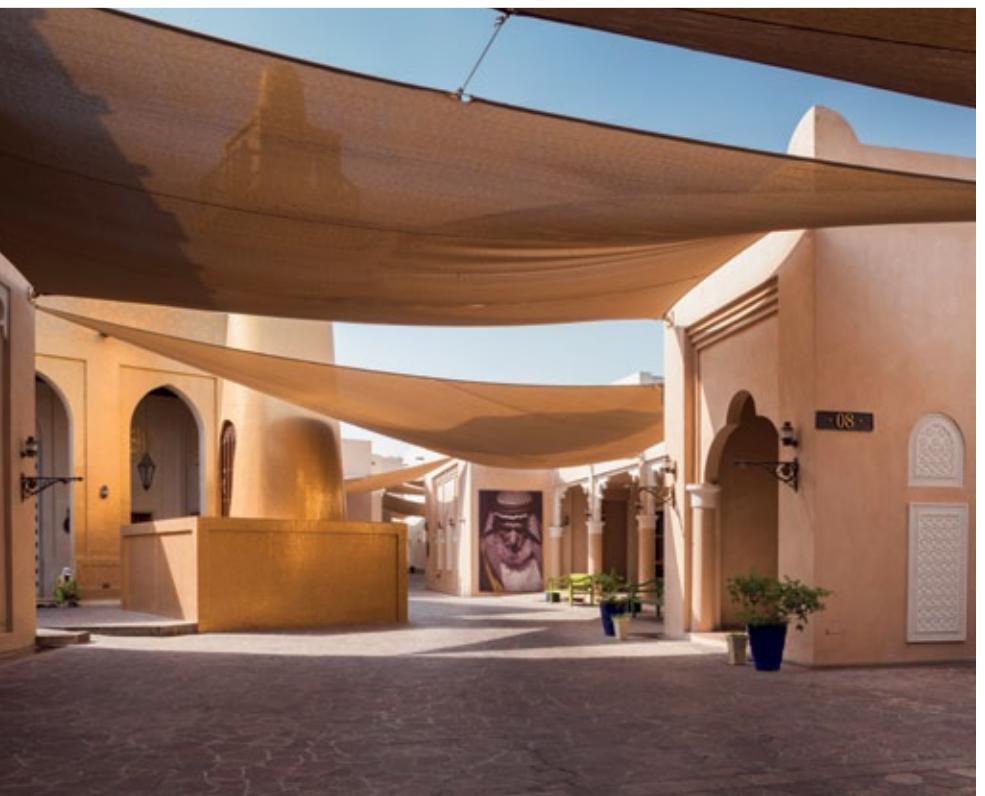
POR CORINNA SAGESSER

Doha foi uma cidade que me surpreendeu por sua história, cultura e modernidade – tudo junto e misturado. A cidade funciona como um dos mais importantes *hubs* para os viajantes do mundo, por isso resolvi ficar lá por dois dias e conhecê-la. Doha é a capital do Catar, na costa do Golfo Pérsico, no Mar da Arábia. Uma cidade com museus incríveis, ótimos restaurantes, mercados típicos, muita história e um skyline com edifícios de arquitetura única.

Museu Nacional do Catar: inaugurado em 2019, ele teve sua arquitetura inspirada na rosa-do-deserto, com formações naturais de cristais, em um projeto do badalado arquiteto francês Jean Nouvel. O museu conta a história do emirado desde a pré-história até os dias de hoje, com inúmeras galerias e várias experiências multissensoriais.

Souq Waqif: nesse mercado, que teve início séculos atrás – quando os beduínos traziam suas ovelhas, cabras e tecidos para vendê-los –, a diversão é garantida. Ele conta com uma grande variedade de lojas, que vendem joias (especialmente pérolas, uma tradição local), tecidos, especiarias e antiguidades, além de cafés e restaurantes típicos.





Acima, o Museu de Arte Islâmica e o interior da Vila Cultural Katara

Restaurante Parisa: localizado dentro do *souq*, é especializado em gastronomia persa e adornado com milhares de mosaicos feitos de espelhos e vidros, formando uma decoração bem colorida. A sensação é de voltar no tempo.

Museu de Arte Islâmica: projetado por I. M. Pei, ele tem a maior coleção de arte islâmica do mundo e é simplesmente incrível. Tapetes, joias, tecidos, cerâmicas e livros antigos são um deleite para os olhos.

Vila Cultural Katara: com inúmeras galerias de arte, restaurantes, lojas, teatros e duas mesquitas (a Mesquita Katara, feita de azulejos persas e turcos, e a Mesquita Dourada, coberta com azulejos dourados), ela vale a visita.



Em sentido horário, a impressionante arquitetura do Fairmont Hotel, o salão do Yasmine Palace e corredor do Souq Waqif

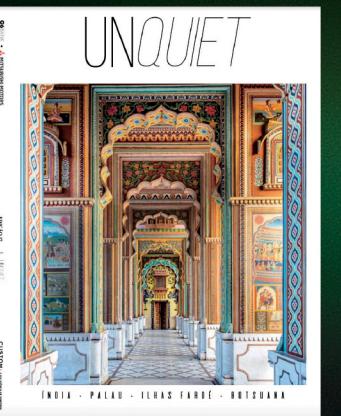


Biblioteca Nacional: um edifício imponente, no coração da Cidade da Educação, ela tem uma coleção de mais de 1,5 milhão de livros, que destacam o valor do conhecimento na cultura do país. Há manuscritos raros, além de revistas e mapas antigos. As estantes de livros são parte integrante da arquitetura da biblioteca.

Restaurante Yasmine Palace: de culinária tradicional árabe e com decoração típica, ele tem um ambiente divertido e serviço atencioso. É uma ótima opção para um jantar com variadas experiências gastronômicas no bairro residencial The Pearl.

Fairmont Hotel: com uma vista linda para o Golfo Pérsico e marcado por um design arquitetônico curvo, representando cimitarras (espadas) cruzadas, típicas do Catar, sugere o clima de um palácio árabe: requintado e grandioso. O hotel oferece vários restaurantes, com opções gastronômicas diversificadas, e um spa com tratamentos deliciosos, feitos com produtos baseados em tradições árabes seculares.

*PRESERVE O PLANETA.
ELE ESTÁ DE OLHO.*



**PARA VIAJAR PELO
MUNDO, PRECISAMOS
CUIDAR DELE.**





SUSTENTABILIDADE

Aves de Noronha

Projeto ambiental promove experiências de birdwatching com a finalidade de proteger e conservar espécies endêmicas

POR CORINNA SAGESSER
FOTOS MARIANO CORREA

Estive recentemente no Arquipélago de Fernando de Noronha, um dos paraísos do nosso Brasil. Formado por 21 ilhas e ilhotas de origem vulcânica, ele é considerado um Patrimônio Mundial Natural pela Unesco e um santuário ecológico devido à imensa biodiversidade da fauna e flora locais.

Entre os vários projetos de preservação e conservação do meio ambiente presentes na ilha, conheci o Aves de Noronha. A ideia surgiu em 2016, quando Cecília Licarião, que na época estava realizando seu mestrado em biologia na região, tomou conhecimento de duas espécies de pássaros que só existem ali, o sebito-de-noronha e a cocoruta, ambos ameaçados de extinção. Incomodada com a situação, Cecília decidiu criar um projeto envolvendo a pesquisa, a conservação e a movimentação da economia local por meio do turismo de observação de aves e da educação nas escolas locais para crianças e professores.

Acima,
um pássaro
da espécie
atobá-mascarado
(*Sula dactylatra*)

O programa de observação de aves movimenta o turismo, promove a educação nas escolas e gera renda

Nesta página, em sentido horário, uma rabo-de-junco-de-bico-amarelo (*Phaethon lepturus*), uma viuvinha-marrom (*Anous stolidus*), Cecília Licarião, idealizadora do projeto, e uma Cocoruta (*Elaenia ridleyana*)

Em 2018, o projeto recebeu o primeiro financiamento da SOS Mata Atlântica, dando início ao sonho de Cecília com a divulgação e o incentivo ao safári fotográfico e ao birdwatching, que já acontecem em vários países e geram renda e emprego na comunidade local.

Desde o início, 50% dos guias locais foram capacitados para levar os viajantes à observação das aves. Muitas delas permanecem no arquipélago, enquanto migram de um lugar para outro, como parada para se alimentar e reproduzir. A biodiversidade e a saúde das ilhas oceânicas dependem das aves, que são semeadoras das florestas e dispersoras de nutrientes fundamentais para as vidas marinha e terrestre.

São projetos importantes como esse que colaboram com a conservação da natureza, sendo fundamentais para um futuro melhor para as próximas gerações. As doações são sempre muito bem-vindas! ↗

Mais informações: avesdenoronha@gmail.com

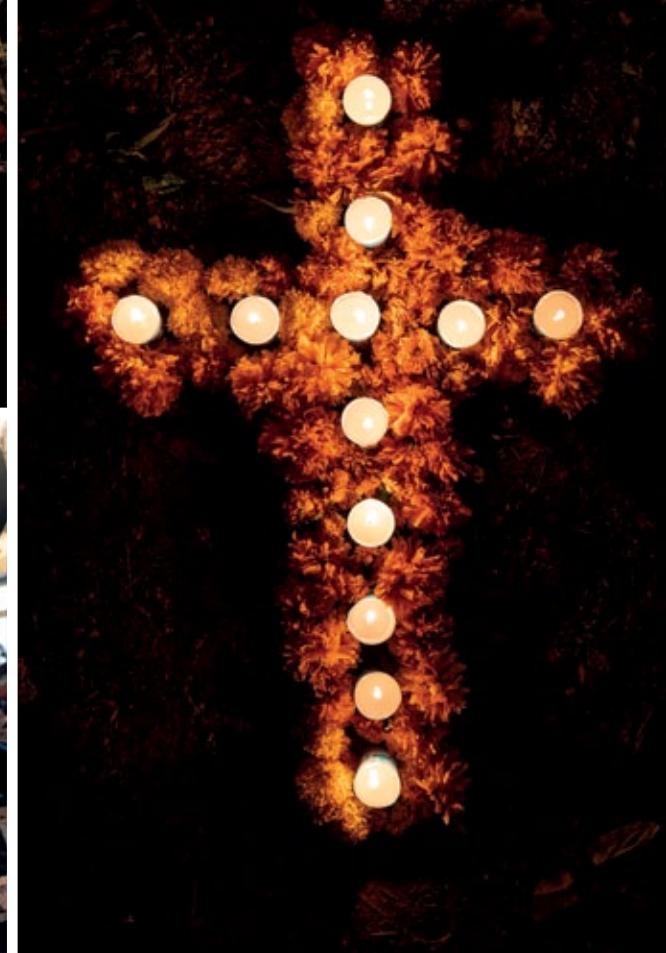
FESTIVAIS

¡Viva la Vida!

A celebração do Día de los Muertos ressignifica o olhar sobre a finitude da vida e convida a conhecer uma cultura rica e cheia de simbolismos

POR NATHALIA HEIN
FOTOS TOM ALVES

Uma festa para a morte. Esse conceito pode parecer paradoxal para culturas contemporâneas, mas as festividades do Día de los Muertos ressignificam a ideia da finitude da vida e trazem um novo olhar sobre um tema tão difícil de ser assimilado por inúmeras civilizações. Embora aconteça em todo o México, o festival teve origem na cultura ancestral dos povos indígenas nativos do sul do país, os zapotecas e os mixtecas, que acreditavam que, ao morrer, o ser se aproximava dos deuses. Por isso, nessa



Acima, em sentido horário, *comparsa* desfila pelo centro histórico de Oaxaca, ornamentação com flores e velas em um túmulo e mulheres dançam em outra *comparsa* pelas ruas. Na página ao lado, altar montado dentro do edifício do Governo de Oaxaca para exibição pública

região, especificamente na cidade de Oaxaca, capital do estado de mesmo nome, é possível vivenciar o Día de los Muertos em sua essência mais original, tendo sido reconhecido desde 2008 pela Unesco como um Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

As festividades acontecem todos os anos, tendo início nos últimos dias de outubro e culminando no dia 2 de novembro (Dia de Finados), e exaltam o sincretismo religioso entre as civilizações pré-hispânicas e o cristianismo pós-colonização. Nesse período, famílias se preparam para “receberem de volta” seus entes queridos, o que é feito com lindos simbolismos e muita alegria. Entre os diversos elementos que compõem a festa, as *comparsas* (que equivalem a “bloquinhos carnavalescos”) desfilam pelas ruas da cidade com pessoas fantasiadas, que cantam, dançam, fazem shows pirotécnicos e exibem alegorias pertinentes ao tema, como caveiras e a emblemática personagem Catrina, cujo rosto, pintado e com flores na cabeça, remete à figura feminina da morte com um toque de irreverência, lembrando a inevitabilidade do fim da vida e também que, independentemente da classe social, todos são iguais diante dela.

CAMINHO DE LUZ

A possibilidade de “receber de volta em casa”, mesmo que por alguns dias, durante as celebrações do Día de los Muertos, aqueles que se foram é motivo de alegria e muita preparação. Para isso, as famílias montam altares, onde são colocados fotos, frutas, milho, flores e outros elementos da cultura católica que acabaram sendo incorporados à tradição, como cruzes e velas. Para guiar os mortos em seu retorno, um caminho de flores amarelas da espécie *cempasúchil* – muito comum para essa finalidade – é criado com o objetivo de simbolizar uma trilha de luz para os espíritos. Também é tradição reunir familiares e amigos para comer doces típicos, como o *pan de muerto*, uma espécie de pão doce, e contar histórias de “terror”.

Moradores de Oaxaca vestidos de
Catrinas e Catrins em performance
no cemitério Panteón General





Acima, em sentido horário, a *comparsa* Las Chinas faz um espetáculo pirotécnico, túmulo enfeitado no cemitério Atzompa e velas para entes no Dia de los Muertos. Na página ao lado, personagem desfila em mais uma comparsa

Altares decorados, fantasias, desfiles em blocos e visitas a cemitérios são parte da celebração

A visita aos cemitérios também é parte obrigatória do roteiro. Em Oaxaca, os cortejos seguem principalmente até o Panteón General e o Panteón de Atzompa, duas das principais necrópoles da cidade, que ficam repletas de gente e performances. Sim: há músicos, apresentações de dança, shows de música típica mexicana e muito agito, tudo enquanto as famílias velam seus entes. O perfume do incenso de copal permeia o ar por onde se passa, já que, segundo os simbolismos, sua essência teria o poder de abrir o portal entre o mundo dos vivos e o dos mortos nesse período. Outro elemento típico, bastante presente à cabeceira dos caixões, são pequenas garrafas de mezcal, um destilado originário da região, produzido à base de agave. Afinal, é preciso honrar os que já se foram e brindar suas vidas. E celebrar. Sempre. 

BIBLIOTECA

Sabores que desvendam mundos

A leitura sobre a gastronomia pode transformar a sua experiência de viagem

POR LUCIANA LANCELOTTI

Como pode um simples *croissant* estar relacionado ao triunfo francês sobre os otomanos na Batalha de Viena, em 1683? E o *kimchi*, um prato essencial na cultura coreana, simbolizar a resistência durante a ocupação japonesa, entre 1910 e 1945? A história da gastronomia raramente é linear — e é justamente nessas camadas de significado que reside a sua riqueza.

Muito antes de ser crítica de restaurantes, eu já acreditava que a verdadeira essência de um lugar se descobre pelo estômago. Isso me faz mergu-

lhar em livros sobre o tema antes de cada viagem, buscando conhecimento para aproveitar ao máximo cada experiência.

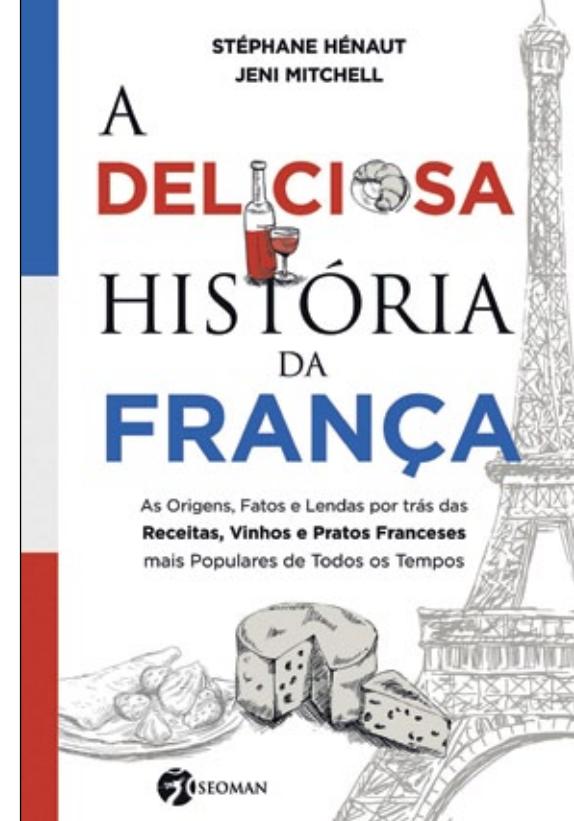
Mais que os guias de viagem tradicionais, os livros de gastronomia desvendam histórias, conectam culturas e apontam novos caminhos. E hoje, graças à tecnologia, temos a facilidade de levar muitos deles a bordo, armazenados em tablets. Se você busca experiências gastronômicas além dos roteiros óbvios, aqui estão algumas sugestões de leitura para inspirar e até mesmo roteirizar a sua viagem!



O HOMEM QUE COMEU DE TUDO

Jeffrey Steingarten, Companhia das Letras

Imagine só, um advogado formado em Harvard abandonar a carreira para se tornar crítico gastronômico na *Vogue*. Há algumas décadas, Jeffrey Steingarten fez essa proeza, e o resultado pode ser conferido nesta coletânea de crônicas, nas quais ele investiga, com humor ácido e precisão quase científica, verdades e mitos culinários mundo afora. Na Itália, lança-se na busca pelo pão perfeito, entre aldeias e padarias artesanais, inclusive entrevistando padeiros. Essa fixação se volta a outro pão, o *naan*, na Índia, onde o autor mergulha nas diferenças entre os fornos *tandoor* e os métodos caseiros de preparo — isso sem deixar de decifrar a alquimia das especiarias locais. Já nos mercados da Coreia do Sul, ele desvenda os segredos do típico e onipresente *kimchi*, para depois replicá-lo em casa. Cheio de referências, o livro traz pistas valiosas sobre o que buscar em diferentes destinos e dicas certeiras sobre como reconhecer e apreciar verdadeiros achados. Um clássico da escrita culinária, para ler com gosto e acender seu lado aventureiro e gourmet.



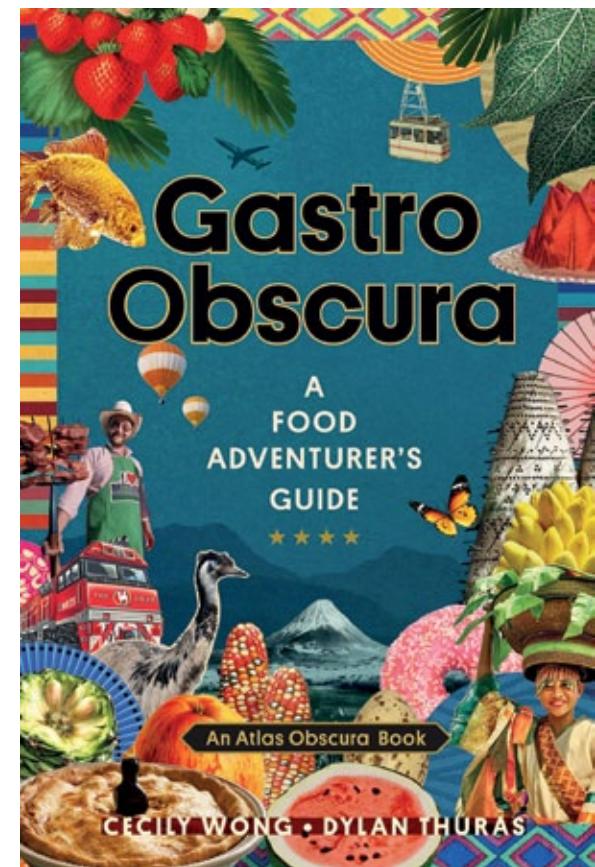
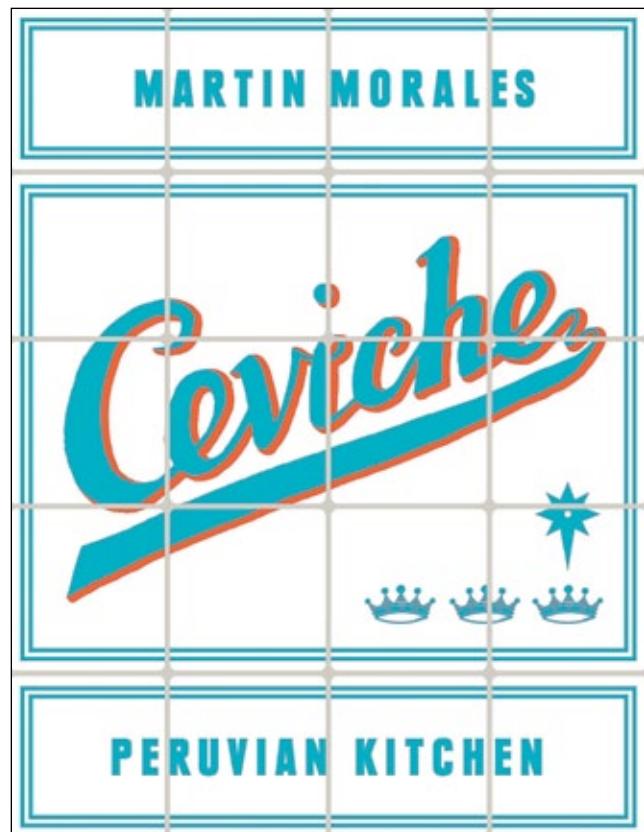
A DELICIOSA HISTÓRIA DA FRANÇA

Stéphane Hénaut e Jeni Mitchell, Seoman

Um livro de história que se revela ser um guia inesperado. Suas páginas desvendam pratos emblemáticos e nos presenteiam com pérolas, como um molho encorpado e delicioso derramado com gosto em uma viagem pela França. Em Castelnau, por exemplo, é servido o melhor *cassoulet* do país — o prato foi criado nessa região do sul, durante a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), para alimentar os soldados famintos (e provavelmente irritados), o que seguramente traz um significado diferente à expressão “comida de guerra”, como a conhecemos. As páginas também mergulham na história do pão francês e nos lembram como a sua *escassez* foi um dos estopins da Revolução Francesa (1789-1799). Se isso não for suficiente para fazer você olhar para as *boulangeries* com um misto de respeito e devoção patriótica, talvez as leis da *baguete*, de 1933, consigam. No fim da leitura, fica claro que visitar o país de Victor Hugo sem conhecer a história de sua comida é como pedir um *croissant* em Paris sem uma boa manteiga — por que se privar de algo que pode ser ainda mais saboroso?

CEVICHE: PERUVIAN KITCHEN
Martin Morales, Ten Speed Press

Não se deixe enganar pelo título. Quando o chef Martin Morales – que apresentou a culinária peruana à Grã-Bretanha – escreveu *Ceviche*, não estava brincando de lançar um livro de receitas. Sim, elas são o ponto focal da obra e transcendem o prato que dá nome ao livro, abordando comida de rua, carnes, grãos, saladas, sobremesas e drinques. Mas é nas entrelinhas que seu conteúdo brilha, quando Morales contextualiza a gastronomia peruana como uma herança cultural viva, rica e multifacetada. Ele não só nos ensina a cozinhar: nos faz sentir sentados à sua mesa, ouvindo histórias e rindo, enquanto o peixe descansa no limão. Para isso, narra a própria infância com a família, em Lima, e espalha notas entre as receitas, páginas e fotos com histórias sobre bairros limenhos, influências indígenas, espanholas e asiáticas, curiosidades sobre ingredientes e outras peculiaridades. Acredite: ao ler *Ceviche*, você não só vai mudar de planos para o jantar, mas também para a próxima viagem, munido de um conhecimento considerável para explorar a gastronomia peruana no próprio país.



GASTRO OBSCURA: A FOOD ADVENTURER'S GUIDE
Workman Publishing Company

Dedicado a viajantes intrépidos, *Atlas Obscura* é um guia de viagem online que parece ter sido escrito por Indiana Jones. E o que dizer da vertente culinária dessa abordagem? *Gastro Obscura: A Food Adventurer's Guide* convida a uma jornada gastronômica pelo extraordinário. Mas calma. Não se trata apenas de bizarrices alimentícias – cada prato vem temperado com histórias saborosas, que fazem você se perguntar: “Até onde eu iria por uma verdadeira aventura gastronômica?” A resposta pode estar em Cingapura, para o ritual da salada *yusheng*, uma mistura festiva de Ano-Novo que promete a prosperidade. Ou talvez no Chile, a fim de descobrir que gosto tem uma cerveja artesanal feita de... névoa. Se seu plano são os sabores da Itália, saiba que na Sardenha é produzida, por uma única família, a massa mais rara do mundo, a *su filindeu*, que está em risco de extinção, pois nem mesmo os chefs mais experientes conseguiram reproduzi-la. É uma leitura quase provocadora para quem vê no prato muito mais do que só comida. Também é uma chance de se conectar com culturas diversas e descobertas intrigantes durante as viagens.



**A COMIDA BAIANA DE JORGE AMADO,
OU O LIVRO DE COZINHA DE PEDRO ARCHANJO COM AS MERENDAS DE DONA FLOR**
Paloma Jorge Amado, Panelinha

A comida está profundamente entrelaçada com a obra de Jorge Amado, seja como elemento de ambientação, seja como símbolo de identidade cultural, desejo e celebração da vida baiana. Ela é sensual em *Gabriela Cravo e Canela* (1958), acolhedora em *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1966) e cotidiana nos becos e mercados de Salvador em *Os Pastores da Noite* (1964). Para o viajante, este livro não só aponta ícones culinários do estado e suas receitas, como também os carrega de significado. Organizado pela filha do escritor, a obra é como um bom acarajé: cheia de camadas, com referências e inspiração para um roteiro de sabores na Bahia. Do sarapatel de Dona Flor (que, aliás, é professora de culinária) às fatias de parida (rabanadas) de *Tereza Batista Cansada de Guerra* (1972), cada prato é acompanhado por trechos dos livros, conectando sabores a personagens emblemáticos e trazendo à mente paisagens de cidades como Salvador, Ilhéus e até mesmo a fictícia Santana do Agreste. Um guia afetivo e cultural que vai além das páginas e belas fotos e evoca mercados, tabuleiros de acarajé e cozinhas de terreiros, em uma incrível viagem sensorial. É uma leitura intensa e cheia de vida, como se Tieta sussurrasse em nosso ouvido: “Um pouco mais de pimenta, querido, que a vida também arde”.

Sustentabilidade em movimento

Design, conforto e tecnologia para viagens leves e conscientes

POR LUCIANA LANCELLOTTI



O CONTEÚDO É REI

Seu smartphone é incrível, mas que tal uma câmera que potencializa sua criatividade como criador? A Sony ZV-E10, idealizada para *vloggers*, une lentes intercambiáveis e um sensor APS-C de 24,2 MP para conteúdo de alto nível. Um dos diferenciais é o microfone direcional com proteção contra vento, que usa três cápsulas – para focar-se no som da frente (como a voz) e reduzir ruídos laterais ou de fundo. Além disso, recursos como destaque de produto (foco automático em objetos), alternador de desfoque (controle do efeito de fundo embacado) e o botão Câmera Lenta/Rápida (S&Q) facilitam obter produções impecáveis. A Sony implementa diversas medidas sustentáveis em sua produção, alinhadas ao plano global Road to Zero, de neutralizar a pegada de carbono até 2040 em toda a cadeia de valor, incluindo os fornecedores.

sony.com.br

SEM LIMITES PARA SONHAR – E VIAJAR

Viajar é colecionar experiências, transformar momentos em memórias e desfrutar do melhor em cada destino. E, para que cada etapa da sua jornada seja ainda mais especial, conte com os cartões do C6 Bank, que oferecem benefícios exclusivos.

Os cartões C6 Black, C6 Carbon e C6 Graphene garantem acúmulo de pontos que não expiram e podem ser trocados por passagens aéreas, cashback, produtos e muito mais. Além disso, proporcionam vantagens e serviços de assistência em viagens oferecidos pela bandeira do cartão e acesso à sala VIP Mastercard Black no Terminal 3 do Aeroporto de Guarulhos (SP), para um embarque mais confortável.

Além disso, o cartão C6 Carbon oferece quatro acessos gratuitos por ano a salas VIP parceiras no mundo todo e isenção da tarifa de abertura da C6 Conta Global.

Para quem busca o nível máximo de sofisticação, o cartão C6 Graphene entrega a melhor pontuação entre os cartões: 4 pontos por dólar gasto. No embarque, os benefícios são ainda mais exclusivos: além do acesso ilimitado às salas já citadas anteriormente, o cliente C6 Graphene – titular ou adicional – conta com acesso ilimitado com um acompanhante à sala The Club, sujeito a convite e disponibilidade.

Independentemente do destino, ter um cartão do C6 Bank ao seu lado vai proporcionar a você mais praticidade, segurança e benefícios especiais.

c6bank.com.br



DO AVIÃO AO HOTEL

Lançamento da Océane, o kit Linha Travel Completa facilita a vida do viajante já no avião, com produtos compactos e de utilidade imediata: da bruma facial com niacinamida – com borrifadas que conferem uma dose de hidratação extra sob a pressão da cabine – ao spray bucal de menta sem álcool, para refrescar o hálito. O kit, que conta com o selo Cruelty Free, tem ainda hidratantes para mãos, labial e corporal, além de desodorante antiperspirante roll-on e um spray para travesseiro com fragrância relaxante e óleo de jasmim, para borrifar no travesseiro do hotel e recarregar as energias para os passeios do dia seguinte.

oceane.com.br



PASSOS LEVES, IMPACTO POSITIVO

O Yuool Fit redefine o que significa se mover com conforto e consciência. Com cabedal em knit respirável, com tecido 50% algodão orgânico, 50% garrafas PET recicladas e rastreadas, o tênis mantém os pés frescos em qualquer ritmo. A entressola, desenvolvida internamente pela Yuool, oferece um amortecimento macio e responsável, enquanto o solado de grafeno equilibra leveza e resistência. Além da performance, a experiência é completa: o tênis vem com formas modeladoras e uma sacola de algodão orgânico, reforçando a atenção da marca brasileira aos detalhes. O tênis é ainda lavável na máquina, mantendo a textura e a cor – a *grigiastro*, que mescla o cinza urbano e o marrom esverdeado, é novidade. O planeta e seus pés agradecem.

yuool.com.br



NO TEMPO DOS EXPLORADORES

O modelo Submersible GMT Titânio Mike Horn Experience Edition (PAM01670) é um tributo à parceria de décadas entre a Panerai e o explorador polar e aventuriero extremo Mike Horn, unindo alta relojoaria suíça e aventura sustentável. Com caixa de titânio (40% mais leve e, 60% mais resistente que o aço) e bezel em Carbotech™, o relógio alia durabilidade e tecnologia ecoeficiente e tem resistência à água de até 50 bar, aproximadamente 500 m de profundidade. O GMT com ponteiro laranja é uma referência à bandeira do Butão, país onde os proprietários do novo modelo vão se juntar ao explorador suíço-sul-africano em uma viagem – um grupo seletivo, já que o relógio tem produção limitada a apenas 30 peças.

panerai.com.br



MENOS VOLUME, MAIS CONSCIÊNCIA

A Memobottle foi criada para otimizar espaço, facilitar o transporte e... bem, impressionar pelo design plano, inspirado em uma folha de papel. Mas não se trata apenas de estética: o formato da garrafa, produzida com aço inoxidável 304, permite que a peça caiba confortavelmente em bolsas e mochilas, portando até 1.080 ml de líquido quente ou frio, otimizando espaço. O bocal com rosca interna, por sua vez, facilita a higienização e oferece uma experiência de consumo suave – a tampa, livre de PBA, ainda impede vazamentos, de acordo com o fabricante. Disponível em outros três tamanhos menores e também na cor preta, é uma alternativa elegante e funcional às garrafas de plástico descartáveis.

memobottle.com





BRASIL

O ESPETÁCULO DE NORONHA

Paraíso vulcânico revelado aos viajantes nos anos 1980, o Arquipélago de Fernando de Noronha tem cenários naturais dramáticos e é palco de práticas respeitadas de conservação

POR CAROLINA SAGESSER RODRIGUES
FOTOS MAURÍCIO NAHAS



relógio marca 18:20. Estou sentada sobre a areia dourada da Praia da Cacimba do Padre, como espectadora de uma das minhas horas prediletas do dia. Enquanto os surfistas dançam com as ondas do mar, os pássaros mergulham na água em busca por sustento e os pescadores garantem o alimento do dia, o sol se despede atrás do caminho que leva à Baía dos Porcos, transformando a cor do céu azul em tons de vermelho, laranja e rosa, pintando a vista do Morro dos Dois Irmãos como se fosse um quadro. Enquanto isso, suspiro, sem palavras, agradecida por poder estar na mesma frequência do lugar. Diria que esse é o ritmo

comum da Ilha de Fernando de Noronha, onde os animais, os humanos e a natureza convivem não só em harmonia, mas também com respeito e integridade.

A ilha é indiscutivelmente um dos destinos mais desejados e procurados do Brasil, mas não foi sempre assim. Localizada a 350 km da costa de Pernambuco, ela foi descoberta em 1503 pelo navegador Américo Vespúcio, por meio de uma missão financiada por Fernão de Loronha. Se hoje os viajantes que a visitam estão em busca de contato com a natureza e muito *savoir-vivre*, o valor na época era, na verdade, pela sua vantajosa posição estratégica. Contudo, até o século XVIII, por falta de vigilância, o território sofreu invasões de franceses e holandeses, até ser retomado pelos portugueses, que dessa vez fortificaram sua costa e a povoaram com militares e presidiários.

Foi apenas nos anos 1980 que Fernando de Noronha foi percebida como um santuário ambiental. Em 1988, ela recebeu o título de Parque Nacional Marinho e, em 2001, o de Patrimônio Natural da Humanidade pela Unesco, mudando totalmente seu status. A fiscalização do parque passou a adotar práticas exemplares de preservação no país, garantindo que a natureza de Noronha tenha o espaço necessário para florescer. Assim, os visitantes podem desfrutar desse paraíso de maneira consciente, levando consigo valiosos aprendizados para a vida.



Acima,
golfinhos-
rotadores se
aproximam
da costa ao
amanhecer.
Na página ao
lado, vista das
fálgias da Baía
do Sancho

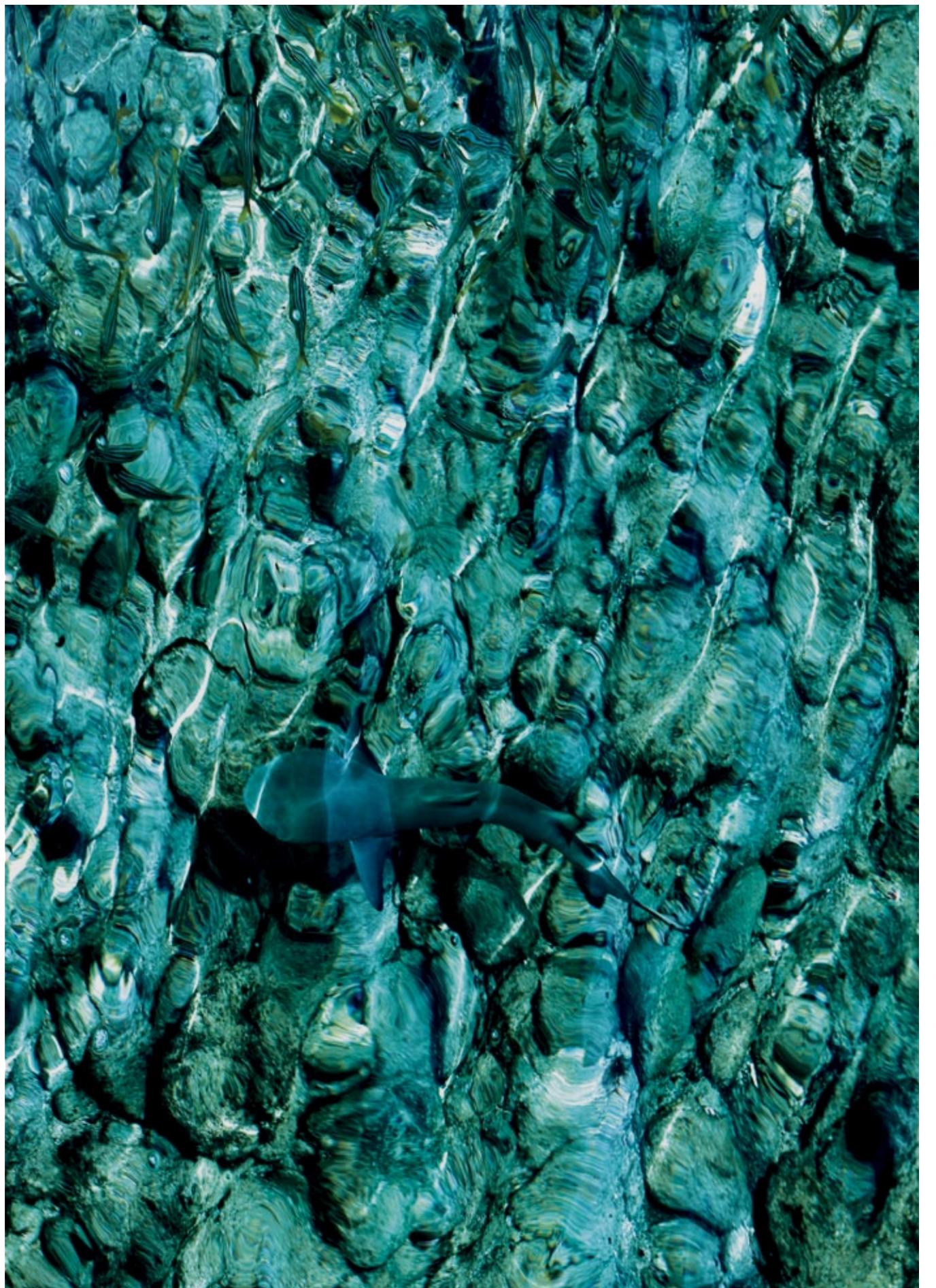
DO TAMANHO DE UM SONHO

Da janela do avião a hélice é possível perder o fôlego diante de sua beleza. Tive a sorte de pegar o assento da janela da esquerda e, ainda no pouso, avistei um cartão-postal: o Morro dos Dois Irmãos. A ilha tem apenas 17,5 km² e possui o título de segunda menor estrada federal do Brasil, com apenas 7,5 km de extensão (a menor é a Rodovia BR-488, com apenas 5,9 km).

Levo poucos minutos para chegar à Pousada Hamares, do Grupo Ekos, um canto de paz que exala tranquilidade, conforto e estilo, inaugurada em 2023.

Meu refúgio é um dos quartos Villa Mar, intimista e acolhedor, com direito a piscina privativa. É uma das poucas hospedagens da ilha que têm academia e spa, para os que não abrem mão de cuidar de si. A piscina de borda infinita abre alas para um tapete de vegetação verde, mesclado com o icônico Morro do Pico e o horizonte infinito do mar azul, ideal para o descanso entre as corridas atividades do dia. O cardápio delas é extenso: trilhas, passeios de barco, canoas e bicicletas aquáticas, *tours* pela ilha e mergulhos. Conto com o apoio da operadora Águas Claras para desenhar o roteiro da minha viagem.

No primeiro dia, me dedico a cair na estrada. Com um *buggy* alugado, o carro oficial da ilha, sigo direto para o mirante da praia que já foi eleita diversas vezes a mais bonita do mundo: a Praia do Sancho. Por meio de uma trilha curta e sobre palafitas de material PET, caminho sem conseguir conter a excitação de encontrar paisagens tão bonitas. A Baía do Sancho, direcionada para o mar de dentro, é protegida por um paredão de pedras basálticas e preenchida por um mar azul em degradê. Pouco à frente, como diz, brincando, o guia da Encantos de Noronha, chego ao mirante do “ai que lindo!” ou, em outras palavras, o Morro dos Dois Irmãos. Esses montes quase idênticos fazem parte do arquipélago, que contém 21 ilhas e ilhotas. Caminhando um pouco mais para a direita, a Baía dos Porcos surge, com suas piscinas naturais cinematográficas.



A encosta é lar do pássaro rabo-de-palha-de-bico-laranja e do caranguejo aratu. Na página ao lado, tubarões-lixa avistados a partir do Mirante da Praia do Sueste



Fernando de Noronha é um lugar para interagir com a natureza, respeitando seu ritmo e seus humores

Não é à toa que a beleza natural de Noronha seja única e abundante. Enquanto a geologia da costa brasileira foi formada com o processo da separação da Pangeia, há 200 milhões de anos, o arquipélago se destaca por ter sido criado a partir de atividades vulcânicas submarinas cerca de 12 milhões de anos atrás. Mais da metade do território está abaixo do oceano. Esqueça praias de rios, falésias avermelhadas ou a Mata Atlântica. Em Noronha, destacam-se os tons de preto e as vegetações rasteiras e áridas.

Na caça pelos pontos estratégicos para apreciar o pôr do sol, chego ao Mirante do Boldró. A vista de cima do Morro dos Dois Irmãos junta-se a uma orquestra perfeita para a despedida do dia. De volta à solidade da varanda do meu quarto, sigo assistindo ao teatro do início da noite, com o céu mudando de cor a cada segundo, com tons que vão do amarelo ao rosa, abrindo as cortinas para a escuridão brilhar, com as suas estrelas e uma lua crescente. Sob um céu tão limpo, é possível ver o contorno do satélite natural da Terra e sentir a rotação do planeta quase palpável – experiências que ganhamos em um mundo que acelera tudo o que vivemos.



Acima, o espetáculo do pôr do sol atrás do Morro do Pico e, ao lado, o trinta-reis-preto sobrevoa a areia. Na página ao lado, a Praia do Leão e a baía repleta de barcos na entrada do Porto Santo Antônio

SUBMERCINDO NA NATUREZA

Enquanto o sol despertava no sopro de uma brisa, já estou remando em uma canoa havaiana. Eu me concentro na contagem das remadas, desfrutando com meus companheiros, os golfinhos-rotadores, residentes dos mares de Noronha, que seguem em seu fluxo de todas as manhãs. Como disse Júnior, o guia da expedição da Via Mar, “precisamos sair do mar de costas, primeiro para ficarmos atentos às ondas e, segundo, para agradecer à Mãe Natureza pelo começo do dia”. Uma boa aventura e um mergulho no mar formam uma receita deliciosa para prosseguir com as atividades do dia. Mas antes volto, para me jogar no café da manhã da pousada.

À tarde, sigo para o atrativo principal de Noronha: conhecer o fundo do mar. Se você também não tem carteira profissional de mergulho (Padi), não se preocupe, pois as operadoras locais oferecem um tipo de batismo, em que cada pessoa tem à disposi-



ção um instrutor e uma aula de mergulho de alguns poucos metros. Navegamos rumo à Ilha da Rata, conhecida por ter abrigado Júlio Grande, seu único morador. Entre peixes coloridos, um silêncio raro e corais com formatos semelhantes a colmeias, eu cruzo meu caminho com o de um pequeno polvo, que, em questão de segundos, se camufla na cor das pedras e se contorce para caber em um buraco que não parecia ter o seu tamanho. Embora o desconhecido nos aguarde, as maravilhas que nos esperam certamente compensarão qualquer incerteza.



Pescadores vão em busca
das tainhas no final
da tarde na Praia da
Cacimba do Padre



De volta ao porto, me desafio a seguir a trilha que circunda a região. Chego à Capela de São Pedro dos Pescadores, construída no século XVIII, onde consigo sentir, de um lado, a potência do dramático mar de fora e, de outro, imaginar o passado do Porto Santo Antônio, utilizado desde o período colonial e onde chegavam as notícias do continente.

A harmonia da vida em Noronha é uma característica que desperta a curiosidade de muitos. No sul, na Praia do Sueste, por exemplo, é possível, em certos momentos, boiar observando tubarões e tartarugas. Quando essa atividade está proibida, uma curta trilha entre o aquário natural e a Praia do Leão leva a um mirante inacreditável, de onde é fácil capturar com os olhos os mesmos animais, além de espécies terrestres, como a ave rabo-de-palha-de-bico-laranja. Na Praia do Leão, a vegetação rasteira e as rochas pretas dão espaço para que a areia se combine com o mar azul transparente, destacando a formação rochosa similar a um leão-marinho deitado, o que serviu de inspiração para seu nome. Esse é um pedaço da ilha que respira uma natureza selvagem potente.

Outra forma de ver Noronha é por meio de passeios de barco. Mais uma vez no porto, sigo rumo

ao oeste, beirando a costa do mar de dentro. Logo na saída, os golfinhos se aproximam para dar uma conferida em quem está a bordo e se exibem, rodando até sete vezes em torno do seu próprio eixo fora da água. Gil, o capitão do barco, é a personificação do morador de Noronha: carismático, sempre com alguma graça na ponta da língua, e habitante da terra, não do mar. Gentilmente, ele ancora o barco na Praia do Sancho, onde ganho tempo mergulhando e recarregando as energias em um almoço delicioso. As nuvens dançantes na volta parecem modelos posando para a lente de Maurício Nahas, meu companheiro nessa jornada. Enquanto copulam nessa região preservada, duas tartarugas vivem a paz que todos os animais merecem.

Noronha é um sonho de conservação, de dramaturgia, de carisma, de abundância. A ilha dá a oportunidade de testemunhar a natureza sendo, em sua forma mais profunda, simples e livre. Um lugar onde o principal ato é parar, escutar e aprender, levando na bagagem muito mais do que fotos lindas, mas percepções tão fortes que ficará difícil perceber o mundo de outra forma. O que eu trouxe de mais valioso é continuar procurando espaço para respirar e apenas sentir a Terra girar. ♡

Acima, a piscina de borda infinita sobre o mar, a arquitetura elegante e integrada à natureza e detalhe da decoração da Pousada Hamares, do Grupo Ekos

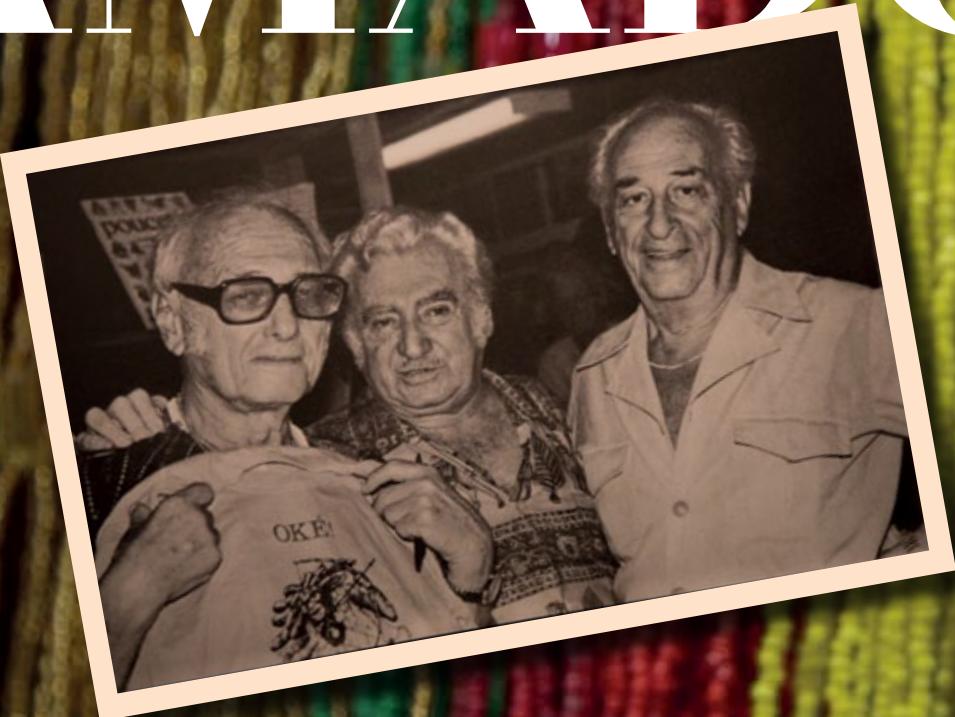
BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

 Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



CULTURA

AMADA SALVADOR DE AMADO



*Uma jornada literária pela capital da Bahia seguindo os passos do escritor
Jorge Amado - e de seus amigos Carybé e Pierre Verger*

TEXTO DANIEL NUNES GONÇALVES
FOTOS ANDRÉA D'AMATO

A



multidão se levantou como se fosse uma só pessoa, e a cena bem que podia estar em um livro de Jorge Amado. Assim que os primeiros toques dos tambores abriram os trabalhos espirituais no terreiro de candomblé Aganju, na periferia de Salvador, a plateia ficou em pé e passou a bater palmas e cantar junto. Era a Festa de Ogum, e os presentes entoavam os cânticos de boas-vindas a esse e a outros orixás, divindades de origem africana que representam as forças da natureza. Em instantes, o ambiente de encantamento dominou o chão sagrado da cidade que melhor preserva as raízes africanas no Brasil. No centro da roda, cerca de 50 filhos de santo paramentados passaram a rodar e bailar. Segundo a crença dessa religião afro-brasileira, que tem seu berço principal na Bahia, as pessoas estavam incorporadas pelos espíritos dos deuses, que costumam vir cantar e dançar com os humanos que eles protegem.

SEGUINDO OS PERSONAGENS DE JUBIABÁ

Ao pisar em um dos mais de mil terreiros de candomblé de Salvador, eu não estava apenas sendo abençoado com o axé, como é conhecida a energia sagrada dos orixás. Aquela era mais uma experiência de imersão na cultura negra desse estado, onde 80% da população se reconhece preta ou parda. Estar ali era parte da proposta deste roteiro cultural: mais que tomar sol nas praias, eu buscava conhecer a cidade dos livros de Jorge Amado (1912-2001), autor de clássicos da literatura brasileira, como *Capitães de Areia* e *Tieta do Agreste*. Eu viajava com meus colegas do Clube Nomad, um grupo de leitura da agência de turismo Nomad Roots, que cria rotas literárias para destinos onde se passam as histórias lidas. Dessa vez, o livro estudado era *Jubiabá*. No terreiro Aganju, parecia que a qualquer momento iria se apresentar o pai de santo Jubiabá, líder espiritual que batiza a obra. Assim como quando visitamos outros terreiros famosos, o Casabranca e o Gantois, me senti quase o jovem Baldo, o personagem principal, seduzido pela beleza dos rituais mágicos da fascinante capital da Bahia.

Como o livro *Jubiabá* (acima) que atraiu Carybé e Verger à Salvador, o toque dos tambores segue embalando as ruas do pelourinho (página ao lado)





Homenagem
a Iemanjá na
Colônia de
Pescadores do
Rio Vermelho,
onde viveu
Jorge Amado



Percorrer Salvador é descobrir os ícones da cultura baiana eternizados na obra de Jorge Amado

Acima, procissão católica no Centro Histórico de Salvador. Na página ao lado, o Forte São Diogo, na Praia da Barra, onde funciona o Espaço Carybé de Artes e ambiente da Casa do Rio Vermelho, hoje transformada em museu

RENOVAÇÃO DOS ESPAÇOS CULTURAIS

Do candomblé às rodas de capoeira, do acarajé ao Carnaval de rua, os ícones da cultura baiana, descritos de forma apaixonada nos 49 livros de Jorge Amado, foram surgindo à medida que descobrimos essa faceta literária de Salvador. Um dos maiores escritores da história do Brasil, Jorge nasceu em Itabuna, no sul do estado, e traduziu como ninguém o estilo de vida da capital, onde viveu a maior parte da vida. Enquanto caminhávamos pela Salvador contemporânea, com seu Centro Histórico cada vez mais revitalizado, recordamos as passagens de *Jubiabá*, lançado em 1935, quando Jorge tinha apenas 23 anos. No coração do Pelourinho, visitamos a recém-reformada Fundação Casa de Jorge Amado e assistimos a encenação de um trecho do livro. Entre as surpresas da jornada nas ladeiras de casarões coloridos, vimos e até tocamos com grupos de percussão e capoeira, além de acompanhar uma procissão e uma missa, que misturavam elementos de candomblé e cristianismo. Também visitamos as novidades de centros culturais como a Casa do Benin, a galeria no subsolo do Mercado Modelo e o Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira (Muncab).

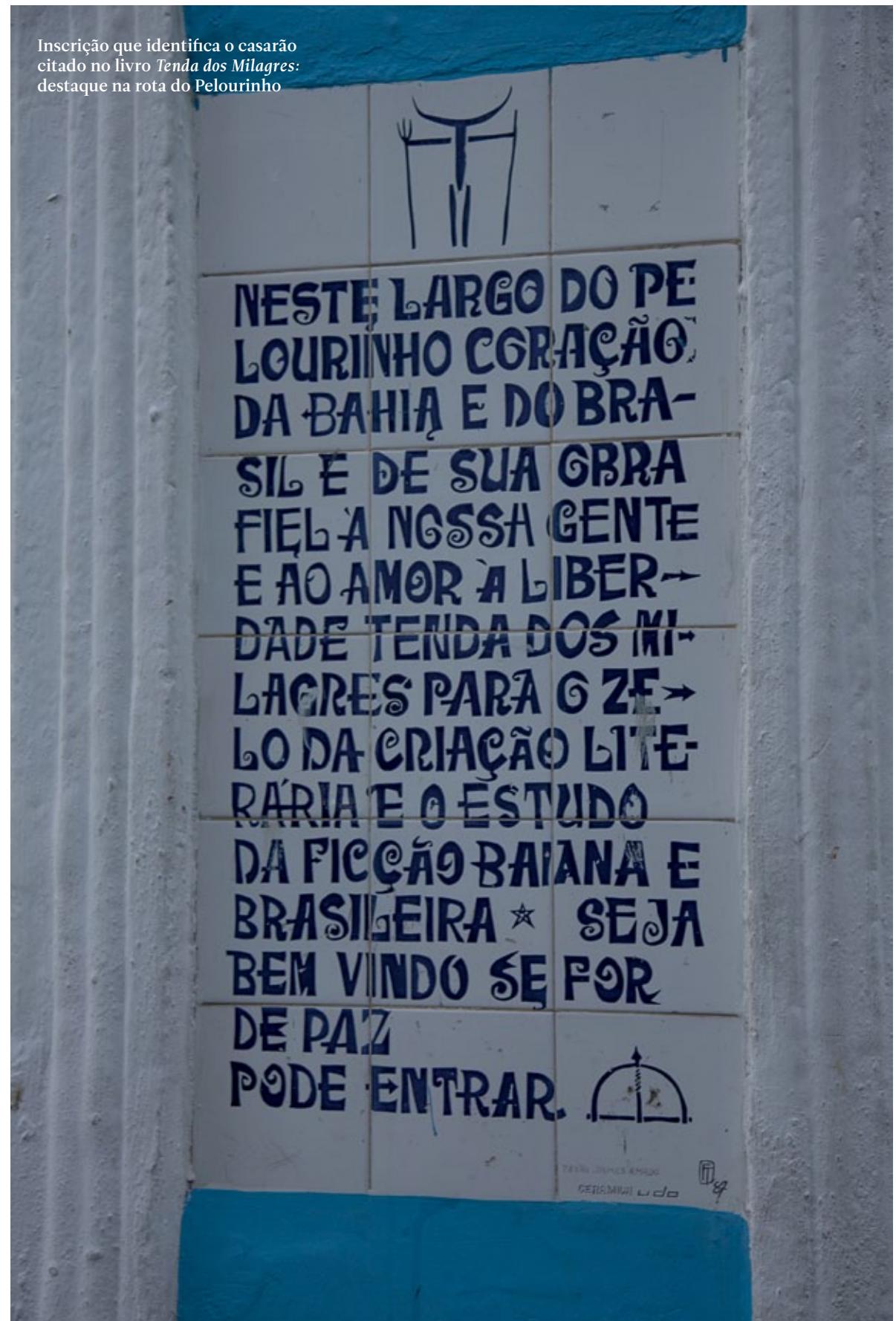
EMBAIXADORES DA CULTURA BAIANA

Na residência onde Jorge viveu com a mulher, Zélia Gattai, por quatro décadas, a Casa do Rio Vermelho, hoje transformada em museu, nosso grupo de leitores teve a exclusividade de ser recebido por ninguém menos que Paloma Amado, sua filha. “O livro *Jubiabá* atraiu para o Brasil artistas e intelectuais respeitados, que viraram amigos de papai, como o argentino Carybé e o francês Pierre Verger”, contou Paloma, entre relatos divertidos de memórias afetivas em família. “Também apaixonados pelo candomblé, esses dois estrangeiros acabaram se tornando soteropolitanos de coração e embaixadores da cultura baiana mundo afora”, explicou Adriana Lacerda, a Teté, curadora





Escadaria da Fundação Jorge Amado reproduz alguns títulos de obras do autor



Inscrição que identifica o casarão citado no livro *Tenda dos Milagres*: destaque na rota do Pelourinho



da rota literária. Outro livro que lemos, *Carybé, Verger & Jorge, Obás da Bahia* (Editora Solisluna, 2017), misturou lindamente as linguagens dos três amigos, com textos de Amado, fotos de Verger e ilustrações de Hector Bernabó, o nome de batismo de Carybé. Os três receberam o nobre título de “obás” do terreiro Afonjá por difundirem a cultura do candomblé.

NO RASTRO DE CARYBÉ E VERGER

Seguimos também, é claro, os passos desses dois obás. De Carybé (1911-1997), contemplamos as pinturas no saguão do Cine Glauber Rocha e as esculturas de concreto sobre a fachada do vizinho Edifício Bráulio Xavier, na Rua Chile – ao lado de dois dos hotéis mais refinados do Centro Histórico de Salvador, o Fasano e o Fera Palace. Belas obras de Carybé e Pierre Verger (1902-1996) estão no vasto acervo de artes de outro hotel próximo, o Wish, o antigo Hotel da Bahia. No bairro de Brotas, visitamos o lindo ateliê da Casa Carybé (aberto apenas com agendamento), ouvindo histórias de seu neto Gabriel Bernabó e do assistente e amigo Bené Bomfim. Ali perto conhecemos a sede da Fundação Pierre Verger, a casa onde o francês viveu, que funciona como um centro cultural e de ações sociais. Ao final de uma semana conhecendo outra Salvador, entendemos que não é só Jorge Amado que segue vivo em sua Bahia, mas também seus seguidores e amigos Verger e Carybé. “Dei à Bahia o sábio e o artista, acha pouco? Tenho ou não motivo para vaidade?”, questionou Amado. Logo se corrigindo: “Quem os trouxe na barra do mistério foi o pai Jubiabá...”



Acima, Paloma Amado e a máquina de escrever de seu pai, Jorge, Gabriel e Bené são anfitriões no ateliê Carybé e o livro que reúne a arte dos três gênios



Acima, o tradicional edifício do jornal *A Tarde* hoje abriga o Hotel Fasano e o restaurante do Wish Hotel, cujo destaque é o painel de Genaro de Carvalho

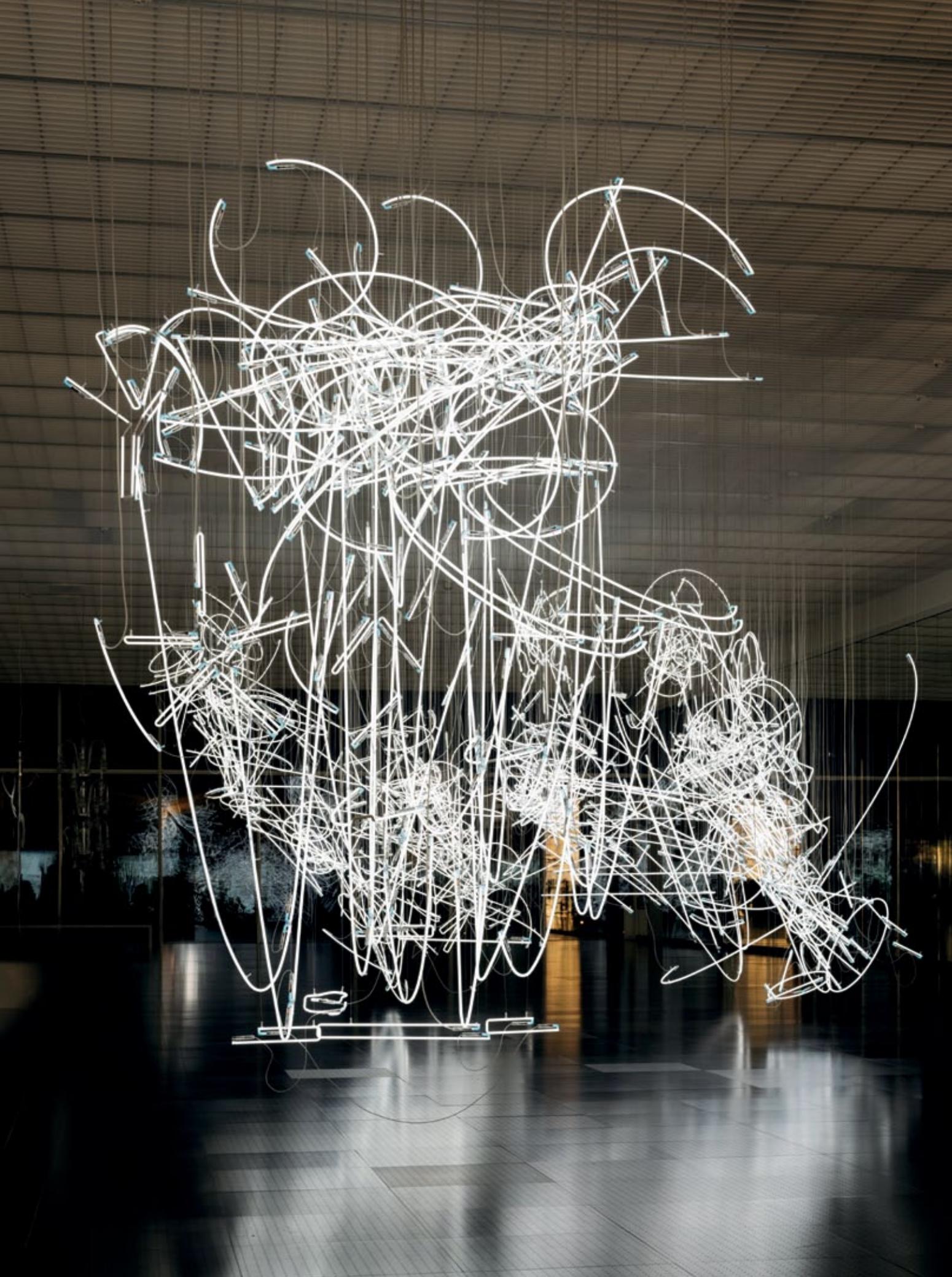


ARTE

DOWN UNDER

Em terras distantes, onde o sol cintila forte, Sydney proporciona uma jornada artsy e a sensação de ser um lugar onde o tempo se dilata, no distante fuso de um continente à parte

POR ERIK SADAO





Em sentido horário, o principal cartão-postal da cidade, a Baía de Sydney, com a Opera House ao fundo, o pavilhão com obras na área externa do Art Gallery of New South Wales e vista do mesmo museu

Sydney, banhada por oceanos turquesa e coroada por céus de um azul profundo, é um convite a uma jornada *artsy* singular. Desembarcar por aqui nos coloca em um fuso horário distante, onde o tempo parece fluir em um ritmo próprio, ditado pela natureza indomável e pela cultura ancestral, que permeia cada canto da ilha-continento. O isolamento geográfico, que outrora a manteve distante dos olhos do mundo, moldou a arte australiana. Uma arte que floresceu com identidade própria, profundamente conectada à terra e à sua história primitiva.

Se a beleza de uma cidade pode ser medida pela presença da natureza ou pelas construções do homem, em Sydney, em especial no grandioso Art Gallery of New South Wales, ela se revela em cada obra de arte. A influência europeia, um sopro do passado (desde os impressionistas até os artistas da vanguarda do século XX, mestres que o tempo consagrou), se tornou um dos pilares da arte contemporânea produzida por aqui. As pinceladas, cores e luz floresceram com vigor e virtude, traduzindo paisagens que só existem na cidade.



IDENTIDADE INSPIRADA PELA NATUREZA

Apesar de profundamente marcada pela influência dos movimentos de vanguarda que surgiram na Europa, a arte australiana do século passado se destacou por artistas que pareciam ávidos por experimentar novas técnicas e expressões, absorvendo e reinterpretando as ideias dos modernistas europeus, adaptando-as à realidade australiana. Por isso, criou-se uma identidade artística única.

A arte aborígene – ancestral, profunda e reflexo de uma cultura passada há séculos somente de forma oral –, se entrelaçou com estilos como o impressionismo, de Monet, o cubismo, de Picasso e Braque, o expressionismo, de Munch, e a abstração, de Mondrian, em um todo harmonioso, em que a natureza, a terra e o mar inspiram a criação. Na Austrália, a arte é vida, um convite à imersão em um mundo à parte. Eu só pude compreender essa relação quando me aventurei pela primeira vez pelos principais museus da cidade.



TESTEMUNHAS DA CONEXÃO ENTRE A ARTE AUSTRALIANA E O MUNDO

A coleção da Art Gallery of New South Wales abrange a arte local e a internacional. Suas galerias, com pé-direito alto e iluminação natural, proporcionam uma experiência imersiva. Elas apresentam expoentes da celebrada arte aborígene atual em diálogo com obras de artistas contemporâneos de todas as nacionalidades. Uma linha do tempo das mais interessantes inclui impressionistas europeus e intrépidos artistas da ilha-continente que rumaram a Paris, capital do mundo da arte na virada do século XIX para o XX, trazendo para a Oceania influências que alterariam para sempre a arte australiana.

Os trabalhos de John Russell, um dos primeiros artistas australianos a alcançar reconhecimento no Velho Mundo, foram enormemente influenciados pelos realistas franceses. Suas paisagens com vistas de Sydney revelam um olhar atento aos detalhes e uma paleta de cores vibrante. Philip Fox, conhecido por seus retratos e suas cenas cotidianas, trouxe para a terra dos coalas a influência da pintura acadêmica europeia. Obras como *A Família* são exemplos de um realismo preciso e elegante. Já Charles Conder, um dos principais simbolistas australi-

nos, tem obras marcadas por cores suaves e linhas sinuosas, que revelam uma sensibilidade poética, com um profundo amor pela natureza, que divide com seus conterrâneos.

Com a chegada de muitos imigrantes no pós-Segunda Guerra, a Austrália enriqueceu ainda mais sua cena artística. Tony Tuckson, do Egito, trouxe a influência da arte islâmica e copta. Suas obras, com formas geométricas e cores vibrantes, são uma celebração da diversidade cultural. Ainda Tomescu, da Romênia, foi um expressionista abstrato que explorou a linguagem da cor e da forma, com pinceladas vigorosas e gestuais, transmitindo uma energia que remete a Pollock. Fred Williams, John Brack e Weaver Hawkins, juntamente com o mundialmente aclamado Sidney Nolan, são considerados os principais representantes da chamada Escola de Melbourne. Suas obras, muitas vezes satíricas e com um forte senso de ironia, exploram temas da identidade australiana e da vida diária. Nolan é famoso por suas séries de pinturas sobre Ned Kelly, um lendário fora da lei australiano. Marcadas por cores vibrantes e formas simplificadas, as telas de Nolan são um reflexo do espírito aventureiro e rebeldes de seu povo.



A arte aborígene, ancestral e profunda, se entrelaçou aos estilos e movimentos de vanguarda europeus

Acima, uma das salas do grandioso Art Gallery of New South Wales. Na página ao lado, a fachada majestosa do mesmo museu

Nancy Borlase, apesar de geograficamente separada dos artistas da nossa Semana de 1922, e com décadas de distância, compartilhava a influência das mesmas vanguardas europeias que Tarsila do Amaral. Tanto na Austrália quanto no Brasil, os artistas do começo do século XX buscavam criar uma arte que expressasse a identidade nacional e a cultura de seus povos. Borlase, com suas paisagens abstratas, explorou a essência de sua terra e a condição feminina do pré-Segunda Guerra. Ao compará-la com os nossos modernistas, me dou conta de que, mesmo em contextos geográficos e históricos distintos, artistas influenciados por movimentos globais ainda conseguem expressar uma identidade local, movidos pela força universal da criação.

Fundado em 1871, o AGNSW originalmente ocupava um edifício neoclássico, que ainda hoje abriga parte de sua coleção permanente. Essa estrutura imponente, com colunas e cúpula, é um reflexo do gosto estético da época. Ao longo dos anos, o museu passou por diversas expansões para acomodar sua crescente coleção. A mais recente e significativa delas foi a abertura do Sydney Modern Project, em 2022. Liderado pelo arquiteto Jean Nouvel, ele adicionou um novo edifício à galeria, conectando-o ao prédio histórico através do The Domain, um dos jardins públicos mais queridos da cidade. A nova estrutura, de formas sinuosas e materiais modernos, cria um diálogo interessante com a construção histórica, celebrando tanto o passado quanto o futuro da arte.



Visitante observa sala
com arte de influência
aborígene no Art Gallery
of New South Wales



Ao lado, entrada do Museu de Arte Contemporânea de Sydney (MCA). Na página ao lado, duas exposições em cartaz no mesmo museu



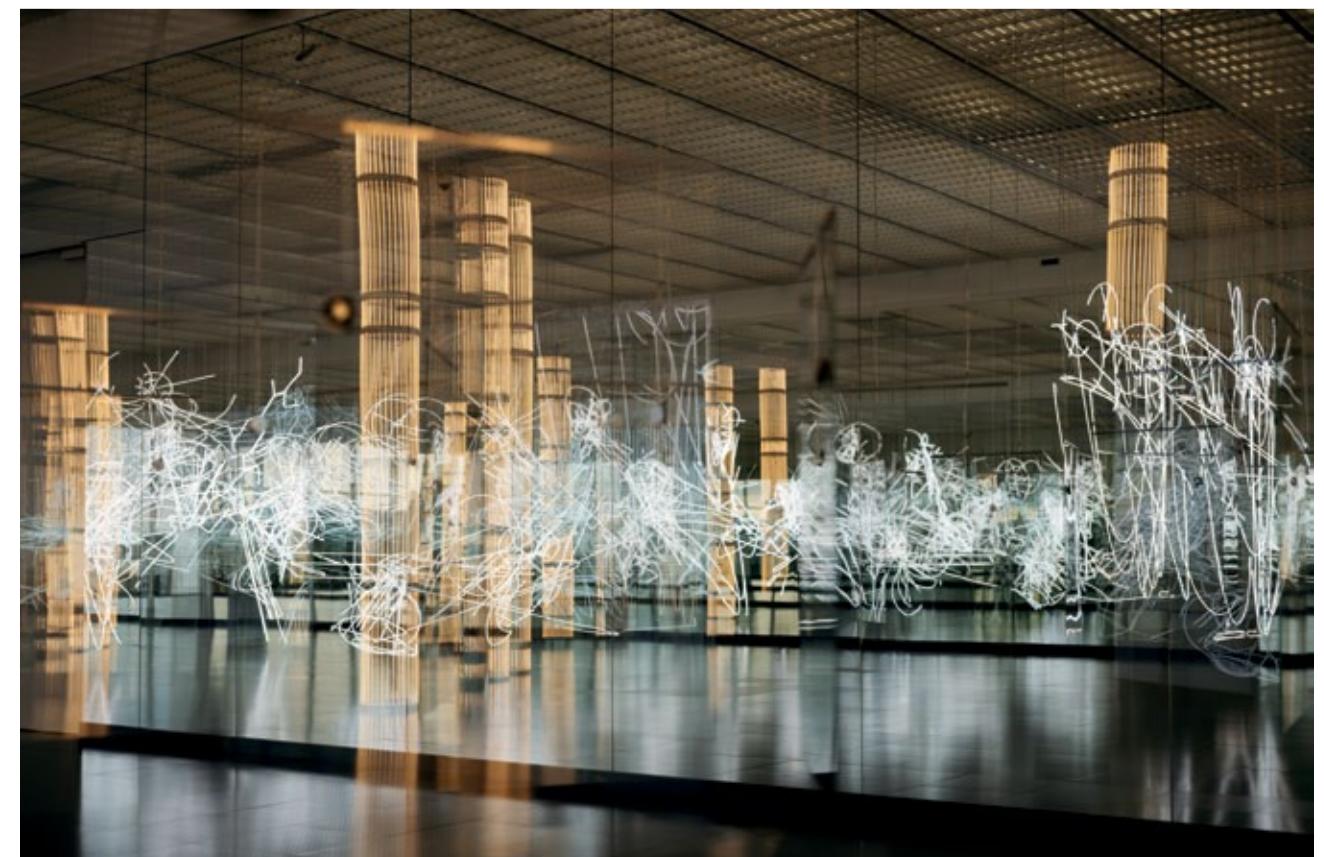
A ARTE QUE BROTA DA BAÍA

Outro exemplo emblemático dessa simbiose entre arte e arquitetura é o Museu de Arte Contemporânea de Sydney (MCA). Com sua fachada de vidro, que espelha as águas cintilantes da icônica Baía de Sydney, o MCA se tornou um novo cartão-postal da cidade, rivalizando em beleza com a famosa Opera House. As exposições abrangem desde o modernismo até a arte contemporânea australiana e internacional.

O MCA se orgulha de exibir uma coleção impressionante de artistas contemporâneos do país. Nomes como Tracey Moffatt, conhecida por suas fotografias e filmes que exploram temas de identidade e representação, e Gordon Bennett, cujas pinturas abordam questões de história colonial e pós-colonial, são destaques. A arte aborígene também tem lugar de destaque no MCA, com telas de artistas renomados, como Emily Kame Kngwarreye, mestre do pontilhismo e das cores vibrantes, e Rover Thomas, cujas pinturas abstratas retratam a paisagem e a cultura de seu povo.

O MCA tem uma programação cultural diversificada, incluindo exposições temporárias de grandes nomes da arte contemporânea atual, como as recentes dedicadas a artistas sul-coreanos, como Do Ho Suh, conferida em minha visita. Conhecido por suas instalações imersivas e delicadas, que exploram temas de identidade, espaço e migração, Suh cria réplicas de espaços arquitetônicos (casas, estúdios e passagens) com tecido translúcido, convidando o público a refletir sobre a natureza efêmera da memória e do lar.

Uma mostra com o diálogo de artistas contemporâneos com a IA foi anunciada para o próximo verão. *Data Dreams: Contemporary Art in the Age of AI* (entre 21 de novembro de 2025 a 26 de abril de 2026) promete ser uma das exposições mais concorridas, e na estação mais solar.





Acima, obra da coleção do Museu de Arte Contemporânea. Na página ao lado, sob o anoitecer, os três ícones que marcam o *skyline* de Sydney: a Harbour Bridge, o MCA e a Opera House



INVASÃO ARTSY NO VERÃO DE SYDNEY

Lar de alguns dos cenários e praias mais fotografados do planeta, Sydney se tornou nas últimas décadas uma capital artística viva e pulsante. Ao planejar a viagem durante o verão, a temporada preferida dos brasileiros por aqui, é altamente recomendado conferir a programação do Sydney Festival (entre a primeira e a terceira semana de janeiro). O evento reúne exposições de arte em galpões e galerias espalhados pela cidade, com performances ao vivo de artistas musicais e multimídias e intervenções urbanas, colorindo as ruas com muita criatividade. É uma ótima oportunidade para imergir na efervescente cena artística local, entre uma praia e outra.

Aproveite o isolamento do fuso *down under* para contemplar, com a máxima atenção e presença, uma das cidades que mais conseguiram combinar urbanismo, natureza e muita arte e cultura. É verdade que a distância geográfica pode parecer um obstáculo, demandando longas horas de voo para cruzar o globo. Mas acredite: cada minuto investido nessa jornada é recompensado. Sydney é a cidade onde os dias se estendem em um ritmo próprio, embalados pela força do oceano e pela energia vibrante de um centro que pulsa em sintonia com a arte e a natureza.📍

ESPORTE

ROTE

um diamante escondido ♦

A pequena ilha do Timor Ocidental é a morada de cenários intocados e ideais para serem explorados de stand-up paddle. Ela também oferece points para surfe e mergulho, além de uma população alegre e com muito a ensinar

TEXTO E FOTOS ROBERTA BORSARI



D

epois de anos competindo em modalidades ligadas ao remo, tomei gosto pelas viagens que associam esporte, natureza e cultura. Com o meu projeto SUPtravessias, passei a explorar ilhas fora do circuito tradicional que ofereçam experiências por meio de um turismo sustentável e que dê voz a suas comunidades. Afinal, muito se aprende com quem vive cercado por água e tem locais naturais restritos.

Essa jornada me levou ao Timor, uma ilha localizada no sudeste da Ásia, a 500 km da Austrália, com dois países no seu território: Timor Leste, que assim como o Brasil faz parte da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLC), e Timor Ocidental, que está sob a regência da Indonésia.

Não satisfeita, resolvi esticar até uma pequena ilha ao sul do Timor Ocidental chamada Rote, um lugar onde minhas pesquisas mostraram respostas como: “diamante” e “paraíso escondido ou remoto”. Confesso que o que me motivou a conhecê-la, além das belezas naturais, foram as ondas, sobre as quais ouvi relatos de terem ondulações incríveis e serem sem *crowd* (superlotação de surfistas). Mas o que encontrei por lá foi muito mais.

Chegar a um “paraíso escondido” não é fácil. São quase quatro dias, partindo de São Paulo, e para não chegar muito desgastado recomendo uma parada no caminho. Eu fiz um voo de 15 horas até Dubai e depois um de nove até Bali. Passei dois dias por lá, até pegar mais um voo para Kupang (a cidade mais ao sul do Timor Ocidental). Depois são mais dois trechos de barco, até chegar à Ilha de Rote e mais duas horas de carro até a Praia de Nemberala.



Acima, remada na praia de Oeseli até a Baía Nirwana e dança típica do Timor, realizada em datas especiais e rituais. Na página ao lado, a água cristalina polvilhada de estrelas-do-mar da Praia de Nemberala





Entardecer na praia
de Nemberala



FORA DO CIRCUITO

A partir daí a sensação é a de que você passou por um portal e está realmente distante de tudo, apenas rodeado por formações naturais espetaculares, com muita vida marinha e uma pequena comunidade de pescadores. Rote está fora do circuito de turismo de massa, e a região por onde circulei possui poucas mas ótimas opções de hospedagem – em geral com estrutura de logística completa e excelente gastronomia. Ao sair do hotel, há apenas um restaurante e um vila-rejo simples, com uma população muito receptiva.

Os rotinenses veem o turismo como algo positivo para a ilha e são muito acolhedores. As crianças aprenderam a dizer “hello” para os estrangeiros, então é comum ao andar pelas ruas ser abordado por crianças querendo interagir: “Hello, hello!”, com sorrisos tímidos. A mímica se torna a linguagem universal e é incrível como é possível se comunicar dessa forma. Não se surpreenda se pedirem para tirar uma foto com você.

Eu me hospedei no T-land Resort, um aconchegante e charmoso hotel em Nemberala, com oito bangalôs, todos com vista para o mar e serviços exclusivos para que seus hóspedes conheçam os atrativos da ilha.

Tegala Nirwana é uma grande baía de formação natural ímpar e águas calmas e claras: ideal para praticar stand-up e snorkel

Acima, um dos principais destaques naturais de Rote é a Baía Tegala Nirwana. Na página ao lado, em sentido horário: crianças aprendem a fazer artesanato com folhas da palmeira lontar na escola e mulheres trabalham nas fazendas de algas dentro e fora do mar, e produzem o *ikat*, tecelagem artesanal ancestral



Meu plano era explorar o oceano de *stand-up paddle*, então minha rotina incluiu remadas diárias, intercaladas com *snorkel* e dias de muito surfe. As remadas aconteceram em cenários paradisíacos: praias de areia branca, água azul-turquesa, grandes estrelas-do-mar laranja e embarcações rústicas e coloridas no horizonte. As fazendas de algas também proporcionam uma atmosfera única em função de seu visual simétrico no fundo do mar. Elas são comuns nas ilhas da Indonésia e abastecem o mercado asiático, incluindo o Japão, para a produção de cosméticos. Em Rote, elas foram implementadas há poucos anos para completar a renda da população.

Foi durante minhas remadas que pude conhecer um pouco mais do cotidiano dos pescadores e cultivadores. Há muitas mulheres nessa jornada dura de trabalho, e todas sempre com um sorriso no rosto, com o alimento do dia garantido. Por meio das mulheres é possível mergulhar mais um pouco na cultura timorense: são elas que dominam a arte do

ikat, uma tecelagem artesanal sagrada, passada das avós para as filhas e netas. Os fios são tingidos com tinturas feitas de raízes e flores, em uma técnica única, que transforma figuras geométricas em peças lindas – uma excelente recordação de viagem.

BELEZA E RESILIÊNCIA

A remada mais especial que fiz no Timor foi em uma formação que eu nunca tinha visto: um corredor azul de águas transparentes, de cerca de um 1 km e 20 m de largura, que leva a uma lagoa de água salgada, rodeada por paredões rochosos e uma floresta intacta, onde é possível ouvir o som de macacos por todos os lados. Esse foi um dos lugares mais incríveis que já remei na vida. Essa lagoa se chama Nirwana e fica na vila de Oeseli. É possível fazer a visita de caiaque, alugado na praia, com o serviço organizado pelos hotéis. Quando fui, estive sozinha o tempo todo, pois o local é lindo e ainda pouco conhecido e visitado.



Vista sobre a linda e límpida
Praia de Bo'a



Remota e muito preservada, Rote é morada de praias paradisíacas, farta vida marinha e um povo alegre e acolhedor

O surfe na região também é espetacular, com ondas consistentes e de classe mundial. Na frente do meu hotel está a mais famosa, a T-Land, uma esquerda longa, potente e manobrável. Há diversas opções para diferentes níveis de surfe e com toda a estrutura para chegar até elas.

Além de belezas naturais intocadas, com praias desertas, mangues, cavernas e florestas para desbravar, a vida cultural dessa ilha é muito rica e proporciona uma experiência autêntica, com uma comunidade resiliente e calorosa. Com recursos hídricos escassos e períodos de seca, a população usa todas as partes de uma palmeira chamada lontar para a sua subsistência, com a construção de casas e cercas e também como alimento, com seu fruto e a produção de açúcar. Nada é descartado! Ela também cria pequenos animais, então é bastante comum ver cabras e galinhas pelas ruas.

Ao visitar uma escola, fiquei impressionada com a qualidade da educação. As instalações são bem estruturadas e me surpreendeu o fato de uma semana por mês ser totalmente dedicada a estudos e atividades culturais. São aulas de história e artesanato, apresentações musicais e de dança, construção de instrumentos e toda forma de expressão cultural. O intuito é fazer com que as crianças se conectem com suas raízes desde cedo e tenham orgulho da sua origem, consigam uma forma de renda no futuro e propaguem esse conhecimento por gerações. Que lição!

Praticar meu esporte preferido em um paraíso intocado já seria suficiente para uma viagem transformadora, mas sair de lá com tantos aprendizados e levar essas mensagens adiante é ainda mais gratificante. Como me disseram em Rote: “Coisas grandes acontecem em pequenas ilhas”. 



Acima, a piscina e uma das vilas com vista deslumbrante do T-Land Resort, em Nemberala. Na página ao lado, em sentido horário: as casas do vilarejo são feitas de palmeira lontar, pescadores na Praia de Nemberala e vista da mesma praia, onde estão concentrados os hotéis da ilha





BEM-ESTAR

Nos braços de *Morfeu*

*Viajar para dormir?
Sim, cada vez mais programas
de wellness em spas e hotéis
pelo mundo visam melhorar
a qualidade do sono
de seus hóspedes
e proporcionar experiências
de sonho – literalmente*

POR DANIEL SETTI



Silêncio é um bem cada vez mais raro e, por isso, muito precioso. Sua escassez se tornou um problema que afeta todos os setores da sociedade, inclusive o turismo. Não por acaso, a busca por experiências silenciosas e atreladas ao descanso absoluto em viagens só aumenta, endossando um recente estudo da revista *Annals of Tourism Research* que concluiu que “a qualidade do sono molda enormemente a experiência do viajante”.

Essa tendência está levando hotéis de luxo de diferentes países a ressignificar por completo seus programas de bem-estar. A julgar pela atual oferta global de turismo de primeira linha associado ao sono, está valendo cada vez mais investir tempo e dinheiro em simplesmente... dormir. Redes internacionais consolidadas, como Belmond, Hyatt e Six Senses, andam apostando em diversos planos “soníferos” mundo afora.

Na prática, essa modalidade de serviços propicia aos hóspedes um farto sortimento de atividades e dispositivos facilitadores do repouso. Já pensou em se deitar numa cama perfeita, que custou dezenas de milhares de dólares? Que tal poder escolher o seu travesseiro ideal em um menu? Quem sabe se acomodar num quarto protegido de qualquer barulho, com tratamento sonoro digno de estúdios profissionais de gravação? E um spa especializado em relaxamento profundo?

Acima, suíte do Brown's Hotel, em Londres: dormir bem é um luxo. Na página ao lado, ambiente do mesmo hotel em Mayfair

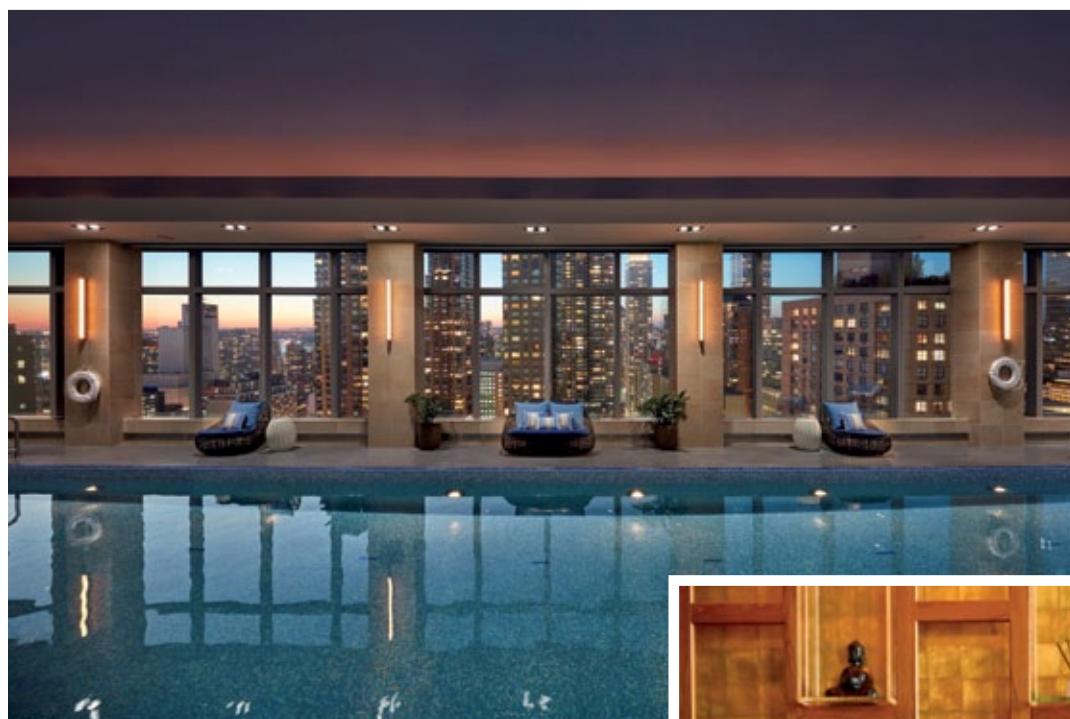
A expansão dessa corrente se comprova pela pluralidade de opções existentes para as pessoas que, em suas viagens, almejam ter como trilha sonora nada além do ressoar leve de sua própria soneca. O cardápio internacional desse tipo de hotelaria abrange desde charmosíssimos refúgios urbanos até paraísos remotos, passando por alternativas no alto-mar. Em comum, todos tratam o silêncio como a sua prioridade número um. Preparamos uma seleção com algumas dessas opções.

OÁSIS URBANOS

Para quem não abre mão de um ambiente cosmopolita mesmo quando procura o silêncio, a pulsante Londres, por surpreendente que pareça, é uma boa pedida. Em Mayfair, no coração da capital britânica, o Brown's Hotel oferece uma experiência com duração mínima de duas noites, incluindo um “kit de sono”, composto de um esplêndido pijama da Yolke, uma máscara de dormir de seda com infusão de lavanda, essências relaxantes e produtos da Irene Forte Skincare, uma incrível carta de chás e acesso a tratamento facial.

Outro reduto no mesmo bairro londrino que se dedica aos cuidados com o descanso e o bem-estar é o Zedwell Hotel, “um santuário privado em meio ao caos da cidade”, segundo eles mesmos. Os hóspedes podem meditar e encontrar a paz sem escutar nenhum pio em *cocoons* (“casulos”) de paredes de carvalho e revestimento acústico intransponível, cama confortabilíssima, coberta por lençóis egípcios, e produtos Malin e Goetz.

Como sempre, a frenética Nova York, a eterna “rival” de Londres, não fica atrás. A metrópole pode até ser “a cidade que nunca dorme”, mas, em alguns de seus ho-



Acima e ao lado,
vista do Central
Park através
do Mandarin
Oriental NY, o
spa e um dos
tratamentos
do protocolo
sleepfulness do
mesmo hotel



téis mais exclusivos, ela abre uma bela exceção. Próxima ao Central Park, no cobiçado miolo de Manhattan, a filial nova-iorquina do Mandarin Oriental se apresenta como “um oásis de relaxamento e rejuvenescimento”. Além de se hospedar em suítes com vistas para o parque ou o Rio Hudson, os clientes podem se esbaldar num dos spas mais premiados do mundo, em variados planos de *sleepfulness*, entre os quais um de meditação na água, realizada durante o pôr do sol. Essa cadeia cinco estrelas conta com programas semelhantes em outros hotéis espalhados pelo globo, como os de Cingapura, Paris e Tóquio.

Já o Equinox, situado perto da Times Square e do Empire State Building, e também dono de vistas esplêndidas, leva o assunto tão a sério que em 2024 realizou um concorrido “simpósio do sono”. O hotel proporciona a seus visitantes mimos como um menu com opções de bebida e comida aptas a proporcionar o sono, produtos de *skincare* selecionadíssimos, massagens tranquilizantes e até um serviço de treinamento para o ato de dormir.

Acima, suíte
presidencial e o
spa do elegante
hotel Equinox,
em Nova York. Ao
lado, uma das re-
feições propostas
no programa de
“sono” do hotel





As vilas sobre o mar azul-turquesa e o silêncio são essenciais no programa de “enriquecimento do sono” do Anantara Kihavah, nas Maldivas

NATUREZA SILENCIOSA

Já aqueles que associam o conceito de descanso antiruído necessariamente a entornos naturais encontram possibilidades ainda mais variadas. Em Gargano, de frente para o Lago de Garda, no “tornozelo da bota”, no mapa da Itália, o deslumbrante Lefay Resort & Spa dispõe de planos como o Il Sentiero di Hypnos, farto em massagens e tratamentos energéticos, coordenados por uma equipe que acompanha a evolução do repouso entre os visitantes.

O culto ao sono tende a ser ainda mais especial quando praticado em território insular. Na Ilha de Koh Samui, na Tailândia, o Kamalaya, que se distribui em suítes e aconchegantes *villas*, conta com vários programas em seu cardápio de *wellness*, entre os quais um focado especificamente em hóspedes acometidos de estresse e esgotamento. Uma das



propostas é “recuperar o senso de tranquilidade” de seus clientes.

Outra ilha que não decepciona quando falamos de turismo de sono luxuoso é Saint Barthélemy, no Caribe. Ali se encontra o Le Guanahani, um resort da marca Rosewood, que ocupa duas praias de uma mesma península, num cenário de tirar o fôlego. Em seu programa holístico Alchemy of Sleep Retreats, que reconhece o papel crucial do sono no bem-estar humano, o hotel propõe experiências de “transformação do sono” de duas a cinco noites. Entre os itens contemplados estão um banho terapêutico de cura por meio de sons meditativos e dietas personalizadas. Os quartos são equipados com óleos, máscaras de dormir e lençóis de seda.



O Le Guanahani, em Saint Barthélemy, foi um dos precursores ao oferecer o protocolo holístico Alchemy of Sleep Retreats e promete transformar e melhorar a qualidade do sono



O cenário idílico do Lago di Garda, na Itália, é morada do Lefay Resort & Spa: massagens e tratamentos energéticos para dormir com uma vista de tirar o fôlego

Câmaras de silêncio, massagens, terapias e tecnologia de ponta são apostas de programas para qualidade de sono

Por falar em cenários edênicos, é difícil superar o Anantara Kihavah e as paisagens que o cercam. O resort fica numa reserva de biosfera tombada pela Unesco, situada em Kihavah, uma das ilhas do Arquipélago das Maldivas. Equipados com serviço de chá privado e banheira de leite de coco, seus chalés idílicos se posicionam em duas grandes passarelas curvas, dispostas uma em frente a outra e sobre as



incomparáveis águas azul-turquesa do Oceano Pacífico. Como se não bastasse, no Anantara é possível participar de um programa de enriquecimento do sono, que dá direito à supervisão de um “guru”, sessões de ioga e toda sorte de agrados que ajudam seus participantes a atingir um patamar de plena serenidade.

CALMARIA

Aliás, no quesito turismo do sono, esse estado de calmaria completa pode ser atingido até mesmo em movimento e longe da terra firme. O Splendor, um navio da linha de cruzeiros Regent Seven Seas, tem suítes que chegam a 418 m² e podem favorecer uma imersão no descanso que faria inveja a Morfeu, o deus do sono.

Em seu interior, os viajantes encontram uma cama continental king-size, criada especialmente pela marca sueca Hästens e cujo tempo de fabricação é de um ano, um spa privativo, decorado com mármore italiano, e uma infinidade de tratamentos.

Dormir bem é sim um dos grandes desafios de bem-estar do século XXI e, sorte nossa, os melhores hotéis e spas do mundo já estão preparados para nos proporcionar os melhores sonhos. ♡



Acima, o navio *Splendor*, novidade da Regent Seven Seas, e sua ampla cabine voltada ao relaxamento



C6 BANK

APRESENTA

Proudly

A REINVENÇÃO DE

ME
DE
LLÍN

*Conhecida como a Cidade
da Eterna Primavera,
o destino surpreende
como um dos mais
queer-friendly
da América Latina*

POR ANDRÉ FISCHER

Estive em Medellín, Colômbia, para a conferência anual da InterPride, a rede global de organizadores de parades do orgulho LGBTQIAPN+, que pela primeira vez aconteceu na América do Sul. A cidade me surpreendeu não apenas por ser um destino emergente, mas também por ter se transformado em uma das cidades mais queer-friendly da América Latina.

UMA HISTÓRIA DE TRANSFORMAÇÃO

Por muito tempo associada à violência e ao cartel de tráfico de Pablo Escobar, Medellín se reinventou e hoje é um exemplo inspirador de resiliência e inovação urbana. Abandonando sua história sombria, a cidade superou Cartagena e se tornou o segundo destino mais visitado por turistas estrangeiros na Colômbia, com uma animada cena LGBT+, excelente gastronomia e uma infraestrutura moderna.

No coração da cidade, a Plaza Botero é um ponto turístico obrigatório. As imensas esculturas de cor-

pos arredondados, uma característica do renomado artista colombiano Fernando Botero, estão rodeadas por museus e cafés, com destaque para o Museu de Antioquia, com seu acervo e suas exposições temporárias de artistas do país.

A Comuna 13, que já foi um dos bairros mais violentos do mundo, é hoje a principal atração turística de Medellín. Altamente instagramável, suas paredes grafittadas contam histórias de superação e criatividade. O bairro também possui um sistema de escadas rolantes e teleféricos, que oferecem vistas panorâmicas que nos fazem pensar como as comunidades brasileiras poderiam ser diferentes. A área é repleta de artistas, bares que servem drinques criativos – alguns à base de *cannabis* – e restaurantes descolados.

Em 2023, a revista *Time Out* elegeu Laureles, outro bairro de Medellín, como o mais badalado do mundo. Sua principal atração é a La 70, uma rua repleta de bares, cafés e restaurantes.



O CORAÇÃO LGBT+

Poblado é a alma da vida noturna e gastronômica e também a zona mais rica de Medellín. Com hotéis cinco estrelas, restaurantes premiados e uma infinidade de clubes e bares, o bairro oferece uma experiência vibrante e segura, com totens de vigilância nas ruas principais. Um charme adicional é o trecho de floresta tropical com um rio que desce a montanha, criando um contraste entre a natureza tropical e modernas torres residenciais.

No coração de Poblado está a Rua Provenza, listada como uma das mais cool do planeta. É o ponto central da vida noturna da cidade, com clubes e bares para todos os gostos. Destaque para o Chiquita, com seus vários ambientes, varanda aberta, arte homoerótica espalhada pelas paredes, drinques gigantes e uma pista fervidíssima. A Oráculo, a boate gay mais tradicional, combina house music, hits de Shakira e performances de drags. Já a Industry divide sua energia entre um térreo animado, com pop e “chicos calientes”, e um estranho terraço de áreas VIP. Às quintas-feiras, o esquenta é no karaokê do Donde Aquellos.

Ao abandonar sua história sombria, Medellín se tornou um exemplo de transformação, inclusão e inovação

Em sentido horário, teleféricos oferecem vistas privilegiadas da cidade, animação noturna no Bar Chiquita, o divertido e moderno bairro Comuna13, totalmente revitalizado, e a famosa Plaza Botero

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

Acima, a Piedra del Peñol, monólito que fica na cidade vizinha de Guatapé, com 700 degraus até o cume, e o charmoso e colorido vilarejo de Guatapé, um agradável passeio

MOBILIDADE E INCLUSÃO

Medellín tem um ótimo sistema de transporte público. O metrô, por meio de suas linhas de trens e teleféricos, conecta os principais pontos da cidade. Embora sempre lotado, ele é limpo, pontual e seguro, oferecendo uma maneira prática e acessível de explorar a cidade. O Uber é uma opção econômica em comparação com o Brasil, mas, como o serviço ainda não é regulamentado, é preciso se sentar no banco da frente para evitar problemas com a polícia.

A Marcha del Orgullo e o Festival Antioquia Vive Diversa, realizados por um coletivo de grupos ativistas locais no final de junho, são o ponto alto do calendário LGBT+. Em 2024, ambos reuniram cerca de 100 mil pessoas.

Não deixe de aproveitar uma atração a duas horas de Medellín: a Piedra del Peñol, um gigantesco monólito de granito no vizinho município de Guatapé. Suba os mais de 700 degraus que levam ao topo para vistas panorâmicas deslumbrantes. Depois explore o charmoso vilarejo, famoso por suas casas coloridas e uma atmosfera acolhedora.

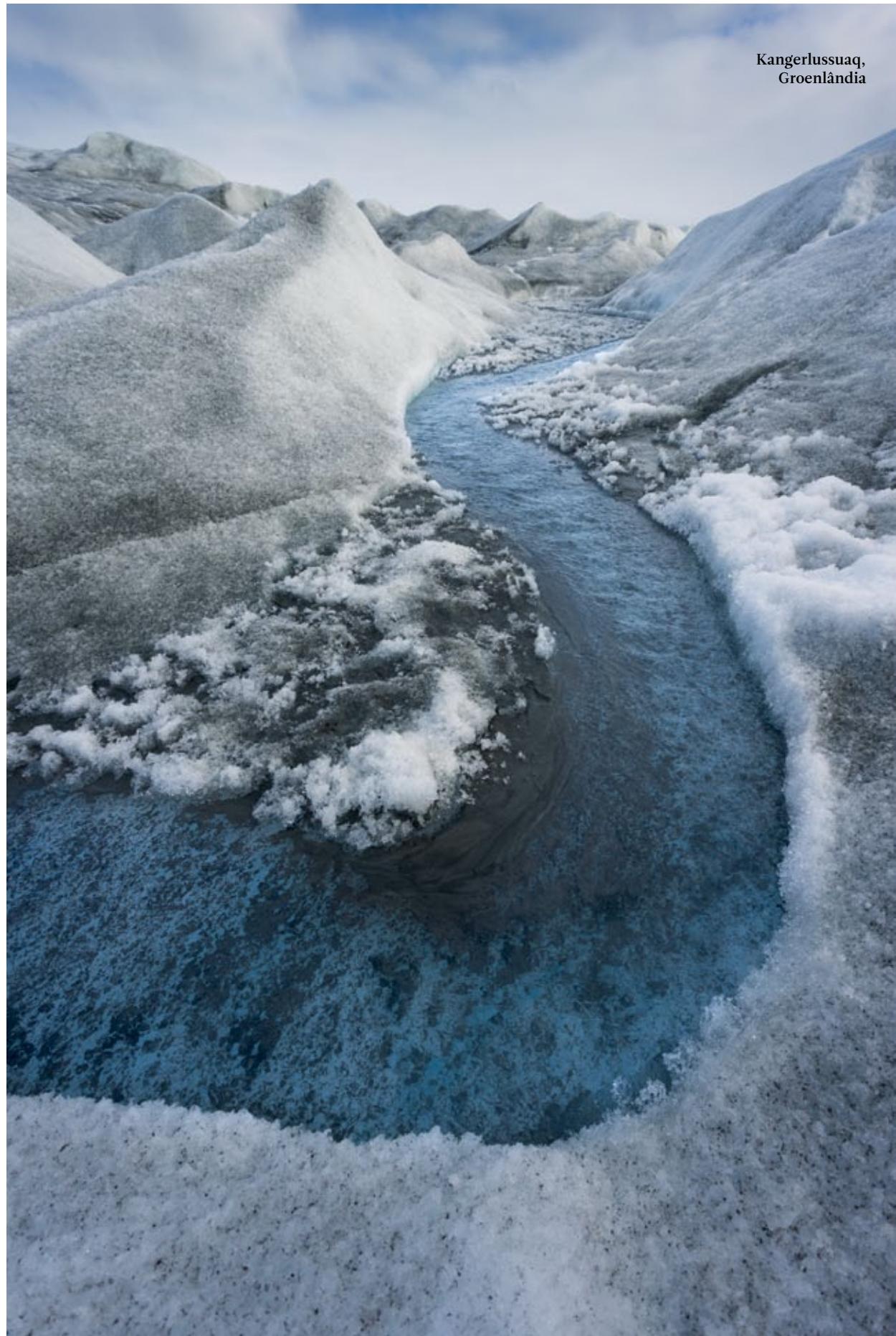
Medellín é um símbolo de transformação, inclusão e inovação. Se a Colômbia está no seu radar, Medellín merece estar no topo da lista. 



ENSAIO

Natureza em Foco

O biólogo, fotógrafo e documentarista Augusto Gomes accentua seu fascínio pelo planeta por meio das imagens que produz



Kangerlussuaq,
Groenlândia



Disko Bay,
Groenlândia



Kangerlussuaq,
Groenlândia

Kangerlussuaq,
Groenländia





Vulcão Parinacota,
Bolívia

Augusto Gomes foi sempre um menino curioso. No quintal de sua casa, em Belo Horizonte, ele costumava passar horas pesquisando insetos e bichinhos com uma lente de aumento. Nas férias, ia com o pai à região da Cordilheira do Espinhaço, onde, desde muito cedo, se viu fascinado pela dramaticidade do cerrado, com suas árvores retorcidas, seus vastos descampados e seus entardeceres alaranjados. Ali costumava tomar emprestada a câmera analógica Zenit do pai para, de brincadeira, registrar animais, cenas e plantas. A natureza sempre foi seu foco.

O interesse pela fotografia nunca esmoreceu – havia sempre uma câmera a seu alcance –, mas a vocação o convidou a cursar a faculdade de biologia e, em seguida, realizar um mestrado em ecologia, conservação e manejo da vida silvestre. Foi também nessa época que Augusto realizou seu primeiro curso de fotografia, o que lhe abriu um novo mundo de possibilidades no que até então era um hobby. “Antes eu fotografava e aprendia de forma empírica. Porém, ao estudar, fui me aprimorando, conhecendo técnicas e obtendo resultados que me surpreenderam”, conta ele, que seguiu trabalhando como biólogo por diversos anos em projetos de conservação e consultoria de biomas, sempre sonhando com mais.

Foi em 2016, após realizar seu primeiro trabalho

remunerado como fotógrafo profissional para uma ONG, que Augusto resolveu investir na profissão. “Estava frustrado com os conflitos que o trabalho como biólogo acarretava e vi na fotografia a possibilidade de unir duas paixões: a fotografia e a natureza”, conta.

Tendo o meio ambiente como uma referência central, ele trilhou o difícil caminho dos profissionais de audiovisual no Brasil. Após muita batalha, conseguiu ter fotos publicadas em grandes revistas, como a *National Geographic*, e pela estrada encontrou grandes incentivadores, como o biólogo e documentarista João Paulo Krajewski, que o convidou para um documentário da Animal Planet. “Foi o meu primeiro contato com o cinema de natureza, algo que me fascinou de imediato, pelo leque de possibilidades que abria”, lembra Augusto, que desde então assimilou o novo ofício de documentarista, cuja trajetória já o levou aos mais diferentes redutos naturais do mundo. “Documentar a natureza é algo que me move. Estive por três meses no Ártico com a Borealis Expedições, aprendi a mergulhar para registrar a vida marinha, viajei pela América do Sul, pelo Brasil, e quero ir muito além, para impactar as pessoas através das imagens que fazemos”, afirma, garantindo que sua missão maior é usar as imagens que registra como objetos de fascínio, reflexão, alerta, interesse e até indignação, sempre tendo a questão ambiental no centro de tudo. 

Disko Bay,
Groenlândia





GASTRONOMIA

À MESA EM MADRI

*Descubra os segredos mais deliciosos da
Capital Gastronômica da Europa*

POR FERNANDA MENEGUETTI



Acima, pães e folhados artesanais do Thompson e o salão do “restaurante-padaria” do mesmo hotel. Na página ao lado, a Plaza de las Cibeles

epois de Estocolmo, na Suécia, este ano todinho a Capital Europeia da Cultura Gastronômica será Madri. A decisão da Comunidade Europeia da Nova Gastronomia não é gratuita: o turismo gastronômico impacta cada vez mais a hotelaria da cidade e, no melhor efeito dominó, a vida cultural e econômica do país.

De certa forma, Madri é a janela da Espanha para o resto do mundo. É o cabo de guerra e também o abraço emocionado entre o novo e o antigo. No que toca à cozinha, isso significa que, entre clichês e criações de chefs, há tradições e modernidades que merecem ser provadas. Para quem não viaja para comer, é uma provocação. Para os foodies, puro deleite!

CLÁSSICOS REVISITADOS

A começar pelo icônico *pan con tomate*, e, de preferência com fatias não exatamente finas, muito menos *light*, de *jamón serrano*. Se o hotel for dos bons, nem é preciso se preocupar em achá-lo. É o caso do Thompson, bandeira butique do Hyatt. Pertinho da Gran Vía, aconchegante e cosmopolita, com vistas, paisagismo e obras de arte que homenageiam mulheres espanholas, esse cinco estrelas tem outro diferencial: um restaurante-padaria. Com pelo menos cinco tipos de pães artesanais por dia, além de *croissants* e folhados de nível de palácio parisiense, nem é preciso pedir tomate ralado e presunto cru, pois a opção integra o menu matinal.

Um pão caseiro de longa fermentação com embutido ibérico, curado por 48 meses, também é alternativa no Único Madrid. Assim como *torrijas* (rabanadas), bolos, seleção de queijos e outras alegrias selecionadas a dedo pelo duplamente estrelado Ramón Freixa.

Nesse hotel elegante, no bairro de Salamanca, o hóspede pode se gabar de tomar um café da manhã de padrão *Michelin*. Se não fosse pouco, a vizinhança inclui grandes designers e, aos viajantes gulosos, o Mercado de La Paz, a morada da *tortilla “jugosa”* mais disputada da cidade: no *desayuno*, lanche ou almoço, essa receita, à base de ovos e batata, da Casa Dani, é uma entidade madrilena que convive, no final do corredor, com a grande novidade do *food hall*. A bem dizer, de Madri inteira.

NOVOS MUNDOS

O Triperito é um balcão em que dez sortudos desfrutam da cozinha despretensiosa de Roberto M. Foronda, já famoso pelo Tripea, sucessor em outro Mercado, o de Vallemorso. O caçula, porém, dialoga com as *cevicherías* e os *chifas* (a fusão culinária entre o Peru e a China) de Lima, onde o chef trabalhou com Micha Tsumura (do Maido) e Pedro Miguel Schiaffino (do Rosa Náutica). Receitas como *tiradito* de salmão, ceviche de lagostim, ceviche quente de mexilhões, arrozes e croquetas de *ají de gallina* confirmam. Lotado ininterruptamente, o restaurante

Provocante, a capital gastronômica da Europa oferece uma profusão de clássicos e de novidades sem fronteiras



Acima, o ceviche de lagostim do Triperito e Roberto M. Foronda, à frente de seu badalado restaurante

preparar o ceviche com leite de tigre de *kimchi*, defuma ostras e abusa de vegetais como acompanhamentos e principais.

Falando em vegetais, não longe dali, Diego Guerrero os leva a outras dimensões. Com poesia e rock'n'roll, em seu duas estrelas, o DSTAgE, ele transforma o tomate em filés que se desmancham como o bacalhau e a batata-doce em um “camembert” que derrete no romper de sua casca. Dá vida a “borboletas”, tacos e outras receitas que flanam com as estações.

só abria para o almoço, sem reservas. No entanto, Foronda teve que negociar com os fãs. Resultado? Desde janeiro, ele abre nas noites de quinta e sexta, em dois turnos de uma hora.

O Triperito é desses lugares que fazem o comensal se sentir *insider* na cena gastronômica. Ou mesmo nativo, quando enche a sacola com embutidos e outros comes e bebes vendidos pelos vizinhos.

Tão hypada quanto o colega está Marina Lis Ra. Há um ano, a chef argentina, filha de sul-coreanos, abriu o Na Num, no divertido bairro de Chueca. Das pouquíssimas chefs na cidade, Lis propõe “a arte de compartilhar” – ou *nanum*, em coreano. Encantada com os produtos espanhóis, ela usa vieiras gordíssimas para



MUSEOLOGIA DELÍCIA

Diego faz arte e faz o viajante se dar conta de que imersões estéticas e culturais não dependem de museus. Pelo menos não formalmente, como deixa claro o Lhardy. Há 185 anos, o restaurante recebia personagens ilustres depois das touradas na Plaza Mayor. Por sua sala japonesa, passou a rainha Elizabeth II. Nela, a bailarina neerlandesa Mata-Hari fez a última ceia, antes de ser assassinada.

Seu *cocido madrileño* é um ritual. Um garçom, trajado como outrora, vem com uma sopeira de reconforte consomê. Então, começa a servir com elegância: grão-de-bico de fazenda própria, repolho, cenoura, batata, linguiça trufada de porco, *morcilla*, toucinho, tutano de vaca galega, *jamón ibérico* de Huelva, costelinha...

Não é tudo! Resta o *soufflé Lhardy*, um bolo de sorvete coberto com merengue, flambado sob o olhar dos clientes e com o sentimento de que o banquete foi uma viagem no tempo, uma aula de história.

Outra aula excepcional se dá com o *salpicón* na Tasquita de Enfrente. Nem pense em Natal! *Salpicón* em Madri é um modo de marinhar em vinagrete. Dito isso, o chef Juanjo López sublima a técnica e serve um creme aveludado com camarões em ponto paradisíaco.



Em sentido horário, sobremesa com calda de *croissant*, algas e *snack* de caviar e o salão do moderno DSTAgE, dois estrelas do chef Diego Guerrero



Acima, o salão do reconhecido Lhardy e seu famoso *soufflé*, um bolo de sorvete coberto de merengue flambado



Ao lado, o aclamado chef Dabiz Muñoz está à frente do DiverXO, o estrelado mais concorrido e caro da Espanha



Seu restaurante acaba de comemorar 50 anos e, sem cara de galeria, expõe na parede dezenas de obras que dão alma ao interior de uma fachada austera, no centro da cidade. No entanto, o flerte entre a comida e a arte atinge o ápice no Corral de la Morería.

HORA DO SHOW

À primeira vista, pode parecer um pega-turistas, mas esse lendário clube de flamenco, além de abrigar os melhores espetáculos do país, esconde atrás de cortinas um restaurante exclusivo, para meia dúzia de pessoas. Ali, com castanholas, *cajones* e violões ao fundo, acontece uma das experiências *Michelin* mais singelas de Madri.



Ao lado, show no Corral de la Morería, o chef David García em ação no preparo de um de seus pratos de frutos do mar, servido para exclusivos convivas da lendária casa de flamenco

O suprassumo é um jantar harmonizado com a carta mais premiada de vinhos Jerez de que se tem notícia e, em seguida, ver uma sessão do show. Contudo, quem não conseguir reserva no “esconderijo” não precisa desanimar: o mesmo chef, David García, assina o menu servido em frente ao palco – e faz bonito.

De estrela em estrela, falta o único três estrelas de Madri, o DiverXO. Trata-se de um investimento, visto que é o estrelado mais caro da Espanha. Porém é uma viagem em si. Aviso: apesar dos preços, é

concorridíssimo. Sobretudo com o sucesso da série *UniverXO Dabiz*.

Na tela, o mergulho da Netflix na mente de Dabiz Muñoz, um dos maiores chefs do mundo, pode ser devorado em cinco episódios – praticamente o mesmo tempo que leva uma refeição no premiado restaurante. Mas só à mesa é possível ir da Índia ao Japão em poucas mordidas, do Peru aos Pirineus em minutos. Só à mesa se prova o exercício da criatividade, em apresentações e bocadas únicas. 



AVVENTURA

SERENGETI

A PLANÍCIE SEM FIM...

Na Tanzânia, uma viagem imersiva, que estimula os sentidos com paisagens a perder de vista, uma vida animal riquíssima, o espetáculo da grande migração e a rica vivência da cultura Maasai

POR CORINNA SAGESSER
FOTOS VICTOR COLLOR





Acima, a movimentação de gnus e zebras na grande migração anual entre o Quênia e a Tanzânia. Abaixo e na outra página: a Tanzânia tem a maior população de leões do continente africano



“**N**ão há quem possa resistir ao encanto da África.” Essa frase, do poeta Rudyard Kipling, eu trago comigo desde a minha primeira viagem à África do Sul, há mais de 25 anos. As cores, os sabores, a convivência com os africanos, o contato próximo com os animais nos safáris, a rica cultura de cada região, tudo encanta e transforma.

A África “são várias Áfricas”. Um continente com 54 países, marcado pela diversidade de paisagens e tradições. Do lado ocidental fica a região outrora conhecida como “costa dos escravos”, de onde foram levados mais de 10 milhões deles para as Américas, incluindo o Brasil. Há pouco mais de um ano, visitei essa costa e tive a oportunidade de aprender muito sobre a verdadeira e triste história da escravidão e da colonização europeia.

No lado oriental estão os países onde acontecem os tradicionais safáris para o avistamento da vida selvagem africana. Foi para lá que fiz a minha mais recente viagem.

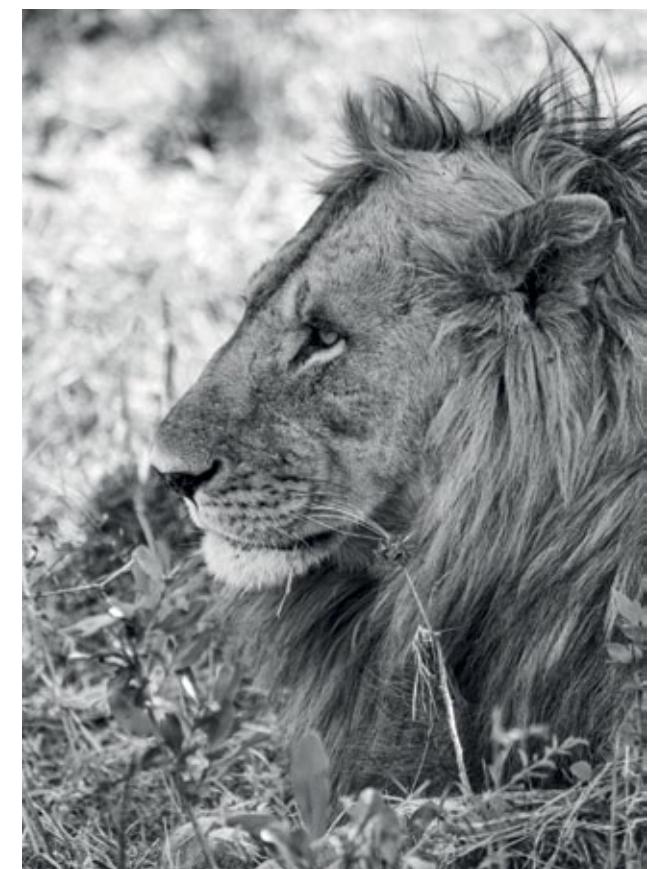
TANZÂNIA: O GRANDE ESPETÁCULO DA NATUREZA

Fui ao país para vivenciar uma experiência até então inédita para mim: assistir à grande migração anual de animais, que acontece no imenso Parque Nacional do Serengeti, criado em 1940 e Patrimônio da Unesco desde 1981. Localizado ao norte da Tanzânia, ele é palco de um dos espetáculos selvagens mais impressionantes da natureza: 1,5 milhão de gnus e mais de meio milhão de zebras percorrem cerca de 3 mil quilômetros todos os anos, desde o Quênia até a região do Serengeti, em busca de pastos e das águas abundantes, após a época das chuvas.

Essa região sempre foi habitada pela etnia Massai e foi batizada por eles de “siringet” centenas de anos atrás – é daí que deriva o nome atual, Serengeti, que significa “lugar infinito” ou “planície sem fim”.

A Tanzânia é um dos 12 países com a maior diversidade de vida selvagem no mundo, com a maior população de leões do planeta. As principais fontes econômicas são a mineração, a agricultura e o turismo.

Na chegada, a adrenalina estava nas alturas, pois já podíamos visualizar vários elefantes, zebras e gnus pela janela do avião, nos dando as boas-vindas. Pousamos e logo conhecemos nosso guia,





Nesta página: elefantes, antílopes e avestruzes estão entre a farta variedade de espécies da região



Hassam, que nos buscou num dos pequenos aeroportos que existem no parque e que ficaria conosco durante toda a nossa estada.

Foi de lá que partimos rumo ao Wilderness Usawa, a nossa hospedagem pelos dias seguintes. O Usawa é um novíssimo *lodge* móvel, que acompanha a grande migração. A cada dois meses, ele muda de localização, acompanhando a travessia dos animais, sempre em lugares remotos – longe de tudo, numa paz total.

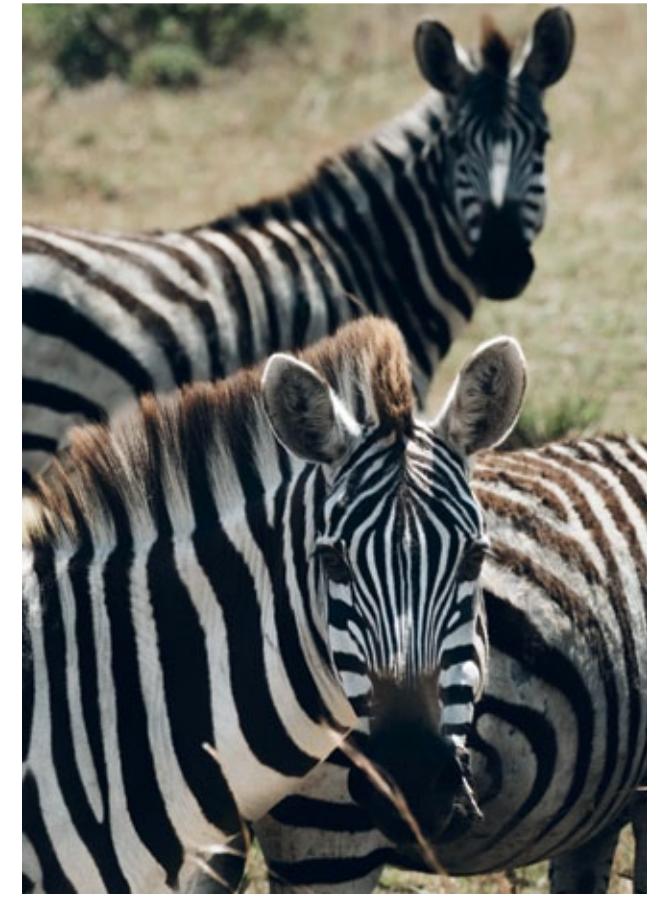
São somente seis tendas, muito confortáveis e charmosas, que recebem no máximo 12 hóspedes. Estavamos totalmente integrados à vida selvagem. De nossas tendas e daquela onde saboreamos jantares deliciosos, podíamos avistar elefantes, gnus e antílopes. À noite, dormíamos ao som do rugido dos leões.

Acordamos bem cedo no dia seguinte e, após um café da manhã delicioso, com geleias, pães, frutas, ovos e panquecas, partimos para o nosso primeiro dia de safári.

A luz do amanhecer na África é sempre muito especial, com tons de dourado surgindo entre as esplendorosas acácasias, a árvore típica da savana e a preferida das girafas. Ao longo do caminho, vímos



Um casal de chitas descansa na savana. Abaixo, as zebras são abundantes durante a migração



gnus e zebras em grupos de centenas. Elefantes, girafas e búfalos também apareciam a todo momento.

De repente, Hassam avistou um leopardo em cima de uma árvore. Fomos até lá e ficamos observando o animal por algum tempo. Os leopardos são animais solitários, tímidos e dificilmente avistáveis. Encontrar um no primeiro dia de safári foi um presente. Após essa experiência linda, voltamos ao *lodge* para um delicioso almoço e para uma *siesta*.

Como durante o dia faz muito calor na savana, os safáris são sempre de manhã bem cedo e ao cair da tarde. Saímos ao entardecer e fomos novamente agraciados ao avistar mais um leopardo, o que, segundo o nosso guia, foi algo novamente incomum. Dois leopardos num único dia....

Durante o safári, encontramos um bando de leões e novamente vários elefantes, girafas, búfalos, chitas, gnus e inúmeros tipos de antílope.

Felizes com o nosso primeiro dia no Serengeti, voltamos para o Usawa e jantamos ouvindo o som dos animais à nossa volta. Dormimos como anjos sob o silêncio da natureza, só interrompido algumas vezes pelo rugido dos leões que nos rondavam. Lindo, inesquecível e emocionante.



A elegância de uma manada de girafas se deslocando na savana



Tímidos e raros, os leopardos podem ser avistados com mais frequência em safáris no Serengeti. Abaixo, um grupo de leoas ao amanhecer





“Inesquecível”
é a palavra que
melhor define
a emoção de assistir
ao espetáculo
da grande migração

Acima,
Corinna Sagesser,
Hassam, o
guiia que os
acompanhou nos
safáris, e Victor
Collor. Na página
ao lado, cenas do
mercado local da
pequena cidade
de Mugumu

O CURSO DA NATUREZA

Acordamos bem cedo e, após um café da manhã sob outro maravilhoso nascer do sol, partimos, em nosso segundo dia de safári, rumo a outra região remota, onde logo avistamos um casal de leopardo prontos para uma caçada. Sempre me emociono quando vejo como a vida selvagem segue o seu curso e a natureza é perfeita, em total harmonia.

Mais leões, elefantes, girafas, búfalos, gnus e zebras pelo caminho. À tarde, após o almoço e a soneca, saímos para outro safári maravilhoso.

À noite, depois de ouvirmos algumas histórias das pessoas que trabalham no *lodge*, fomos dormir, exaustos e felizes por mais um dia inesquecível.

Nosso terceiro dia no Wilderness Usawa prometia ser único. Era a tão esperada saída em direção ao Rio Mara para ver a grande migração. Quando chegamos perto dele, sentimos a agitação de centenas de gnus e zebras prontos para cruzá-lo. O barulho era intenso e a movimentação grande.

Na hora da travessia, os gnus pulavam e rugiam num ritmo frenético em meio à correnteza, com crocodilos à espera da próxima refeição. Foram momentos de pura adrenalina, ao presenciar instantes mágicos da vida animal. Após essa manhã mais que especial, fomos para outra região à beira do Rio Mara, onde fizemos um piquenique observando uma família de hipopótamos imensos. Alguns machos chegavam a ter mais de 5 m de comprimento.

Na volta para o *lodge*, encontramos novamente grupos de elefantes e girafas, um casal de leões e mais centenas de gnus, que estavam por toda parte.





A imponência
de um enorme
elefante sob o céu
de cores mágicas
do Serengeti



Ao final do dia, voltamos para o Wilderness Usawa com muitas histórias para contar. Todos no *lodge* queriam saber como havia sido a nossa experiência. Diante de tantas emoções vividas, a resposta era: "Inesquecível".

Ainda impactados pelo espetáculo do dia anterior, acordamos e fomos conhecer uma pequena comunidade isolada, que ainda vive como seus ancestrais, em pequenas casas feitas de barro em formato redondo, com seus rebanhos de cabras e bodes. De lá seguimos até a pequena cidade de Mugumu, onde visitamos o mercado local. Éramos os únicos estrangeiros, e fomos recebidos com sorrisos e olhares curiosos. Caminhamos entre as inúmeras barracas, com frutas, especiarias, verduras, cestarias, roupas e peixes e podíamos sentir os aromas e sabores da África mais ancestral e original.

Na volta para o *camp*, cruzamos com vários moradores pedalando bicicletas, carregadas de cachos de banana, botijões de gás e outros objetos, por longas distâncias.

Na noite do nosso último jantar, fomos surpreendidos pelo *staff* do Usawa com uma festa de despe-



Acima, a tenda onde são servidos os jantares está totalmente integrada à natureza. Na página ao lado, a elegância de uma das tendas onde se dorme ao som dos animais, e almoço servido ao ar livre no *camp*

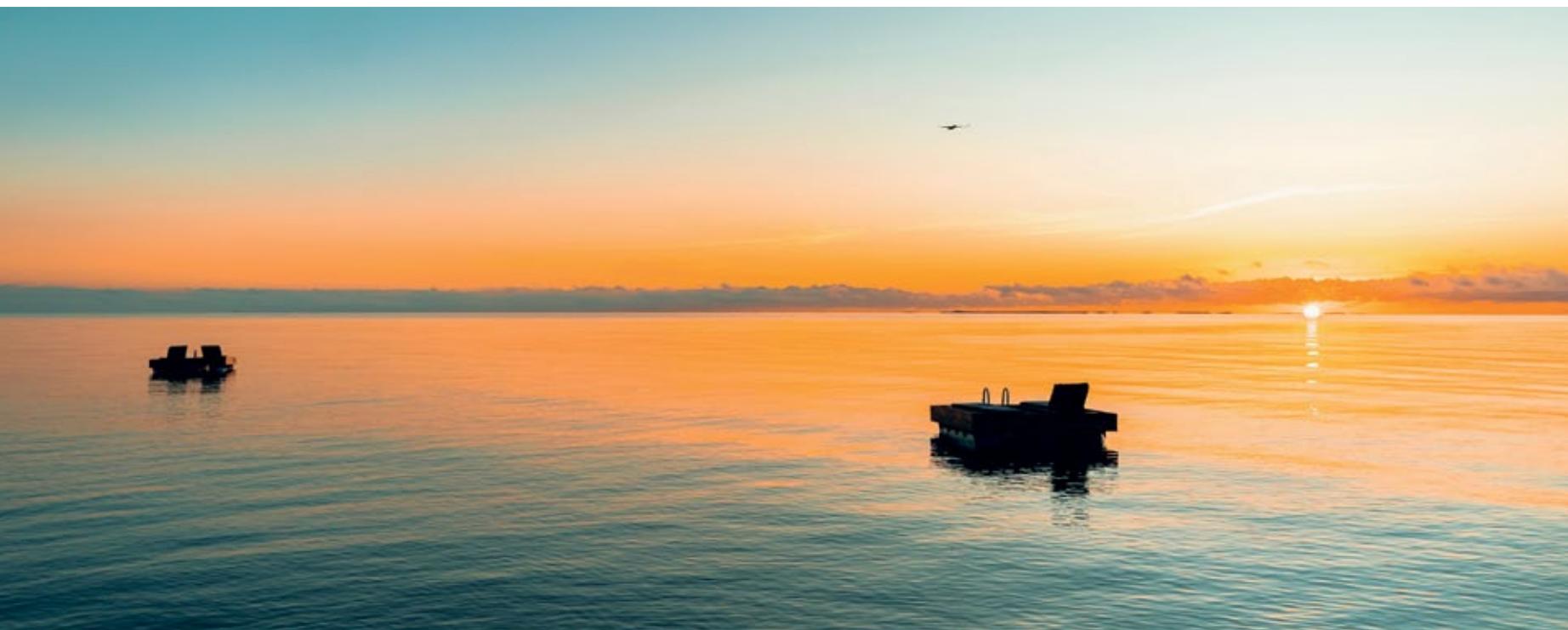
dida, com danças e músicas típicas. A alegria e a emoção dos dias de intenso contato com a natureza pungente e de tanto carinho recebido nos tocaram profundamente, deixando as lágrimas rolarem soltas sob o céu estrelado do meu lugar no mundo: a África.

Dançamos, cantamos e nos divertimos a valer. Foram lágrimas de felicidade e agradecimento por momentos que ficarão para sempre na memória e no coração. A África é um continente que oferece tantas experiências incomparáveis e diferentes, de uma região a outra. Cada país e cada cultura nos ensinam a respeitar as tradições, os valores e a história locais. Toda vez que viajo para lá, volto transformada e com muitos aprendizados para a vida. 

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

 Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br





ENTREVISTA

Christine Gaudenzi

O braço direito de
Francis Ford Coppola
no The Family
Coppola Hideaways

O olhar atento e os toques pessoais do aclamado diretor de cinema dão o tom à coleção Coppola de hotéis, que tem a sustentabilidade como a missão central de suas operações

POR ERIK SADAO

Francis Ford Coppola, o aclamado cineasta por trás de obras-primas como *O Poderoso Chefão* e *Apocalypse Now*, transcende o universo do cinema com a sua paixão por hotelaria e filantropia. Sua marca hoteleira, The Family Coppola Hideaways, convida os viajantes a explorar destinos como Belize, Guatemala, Itália e Argentina, com imersões nas culturas locais. Do Blan-caneaux Lodge, um refúgio na floresta tropical de Belize, ao Palazzo Margherita, um palácio histórico no coração da Itália, cada hotel é um mergulho no universo Coppola. Paralelamente, o diretor se dedica à filantropia com a Francis Ford Coppola Foundation. A fundação apoia jovens artistas e empreendedores, promovendo a educação e o desenvolvimento comunitários. Com programas que incentivam a criatividade, ela empodera novas gerações e constrói um futuro mais promissor. Assim, Coppola deixa a sua marca não apenas na história do cinema, mas também no mundo, inspirando a realização de sonhos e de um legado de impacto social.

Nossa entrevista com Christine Gaudenzi, o braço direito do cineasta nos empreendimentos hoteleiros, desvendou a essência da The Family Coppola Hideaways.



UNQUIET _ Qual é a conexão entre a arte de fazer filmes e a experiência em hotéis?

Christine Gaudenzi - Francis Ford Coppola vê os dois empreendimentos como experiências muito semelhantes. Um hotel, como um filme, tem um elenco (nossa equipe de serviço nos hotéis) e o hóspede é nosso público. Nós fazemos um “show” autêntico para refletir as culturas locais, em cada refúgio, todos os dias, para os nossos hóspedes.

Qual é a filosofia por trás dos Coppola hideaways? Como ele transmite a sua visão artística e cultural por meio deles?

Toda a família Coppola está focada na arte que seus integrantes fazem, em vez dos aspectos

comerciais. Cada detalhe, em cada refúgio, foi pessoalmente selecionado por um membro da família, desde a decoração até a culinária e os itens da loja de presentes que vendemos.

Quais foram os maiores desafios na implementação de práticas sustentáveis nos hotéis? Há algum plano para expandi-las?

Francis foi realmente um pioneiro em ecoturismo e não recebeu o crédito devido, pois foi muito precoce em inovar e fazer com que o Blancaneaux Lodge, por exemplo, construísse um sistema hidrelétrico para abastecer completamente as necessidades do hotel com o Rio Privasson, que atravessa a propriedade. Isso foi no início dos anos 1990, mui-



Em sentido horário, o esplendor do mar da Guatemala, que abriga o La Lancha, os jardins do Blancaneaux Lodge, em Belize, e o terraço de uma habitação do La Lancha. No detalhe, Francis Ford Coppola



to antes do termo ecoturismo ser cunhado. Além disso, nossos jardins orgânicos, em muitos dos refúgios, e o uso zero de plástico são algo que fazemos há décadas. Outras marcas só começaram a viver isso nos últimos anos. A sustentabilidade sempre será uma missão central.

Como a cultura local e a história regional são incorporadas à experiência do hóspede?

Primeiro, você emprega apenas moradores locais. Nossa equipe de Belize e da Guatemala são anfitriões naturais, ansiosos para compartilhar a paixão por suas culturas, discutindo sobre as ruínas maias, as muitas espécies de pássaros, a culinária ou outras tradições.

Qual é a importância da gastronomia nos hotéis?

A gastronomia parece uma palavra muito chique e talvez elitista, não? Queremos mostrar tanto a culinária local quanto os favoritos da família Coppola, então a comida de estilo guatemalteco é encontrada no La Lancha e em um restaurante de Belize, no Turtle Inn. Mas também temos favoritos italianos, com fornos a lenha adequados para as melhores pizzas e para os peixes frescos, dada a nossa localização em relação ao mar.

A marca Coppola será expandida?

Um hotel em São Francisco está em nosso futuro. Fique ligado! ♡

O CHAMADO DA TERRA

Como diz o antropólogo Paul Radin: “Tudo o que é percebido com os sentidos, pensado e sonhado existe”

POR CAROLINA SAGESSER RODRIGUES

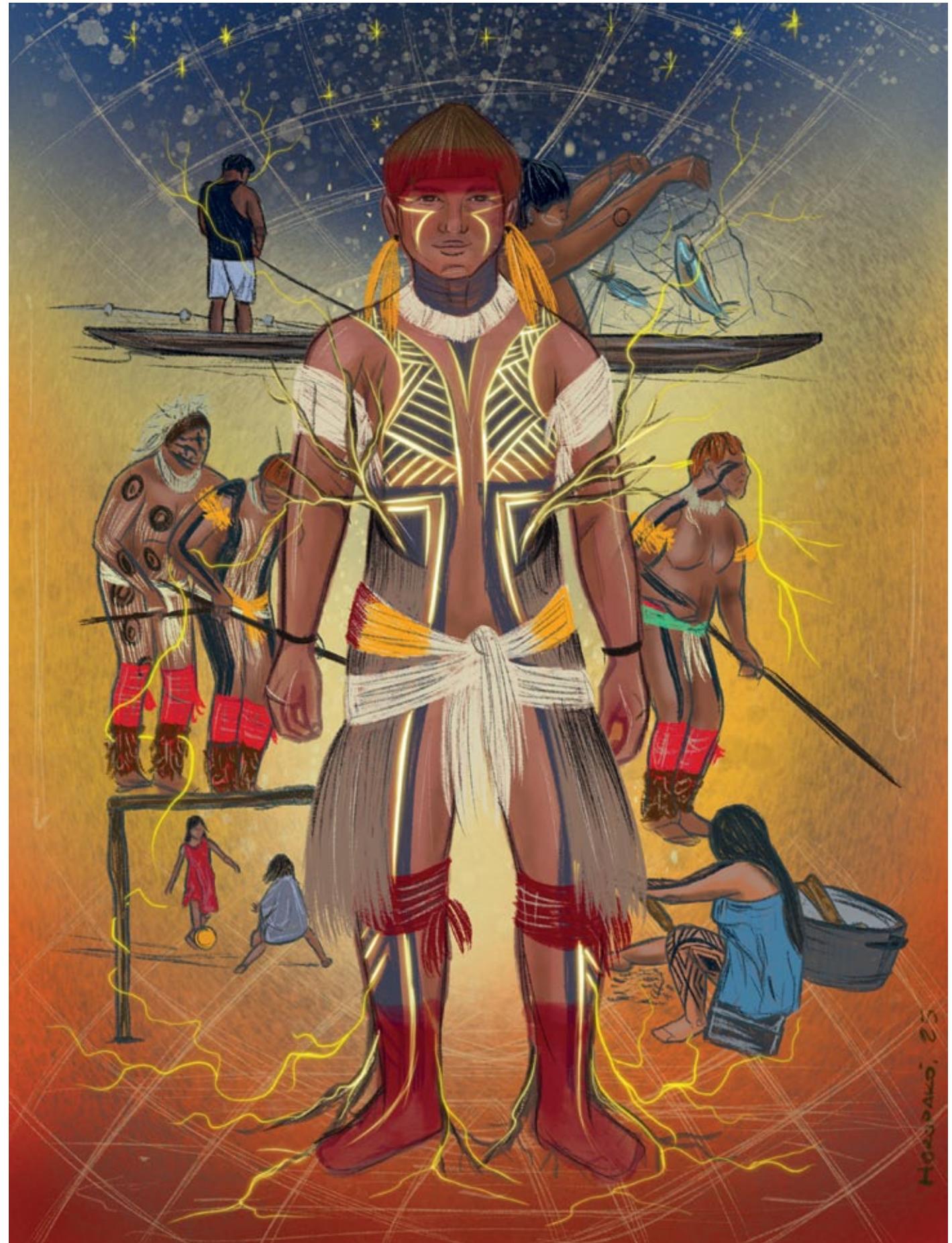
Quando o mundo externo ficou em silêncio, o meu ruído interno aumentou intensamente. As angústias, os medos e as inseguranças, os piores sentimentos que podemos experimentar, transformaram-se em combustível para procurar por mim. Nesse longo processo, ainda em curso, a curiosidade inédita de me aprofundar na ancestralidade humana surgiu e, como nada na vida é por acaso, também iniciei uma nova jornada profissional: trabalhar com viagens culturais. Nas, visitei tribos milenares no Quênia e em Ruanda, estive em uma comunidade remota de 100 pessoas na Groenlândia, absorvi ensinamentos quéchua na Bolívia, meditei com xamãs na Indonésia, recebi todo o amor dos maranhenses em Paraibano. No entanto, entre as diversas experiências, um chamado especial aguçou de forma ímpar os meus sentidos, me direcionando para a correnteza certa do rio: uma vivência de sete dias na aldeia Ipatsé Kuikuro, no Território Indígena do Xingu.

Embarquei rumo ao Alto Xingu para presenciar o ritual do Jawari, rico em cores, danças e cantos. Para os fotógrafos do grupo, essa era a hora mais cênica do dia. Já para mim, que tinha levado apenas uma câmera descartável, o cotidiano da aldeia se tornou a minha sala de aula. Observar a forma pura com que os kuikuros fruíam o tempo não só me emocionava, mas despertava um afeto e um resgate dormentes, de como eu costumava sentir a vida antes, enquanto tentava me encaixar em posições e empresas voltadas para a cultura da produção.

Essa simplicidade de vida foi um alívio imediato para as minhas dores. Os raios de sol alaranjados dos fins de tarde anunciam que o calor ia diminuir e era a hora de conviver no clarão da aldeia. Instantaneamente, crianças corriam umas atrás das outras, adolescentes calcavam suas chuteiras para partidas de futebol e os adultos se reuniam para jogar conversa fora. Chegou o momento de se divertir, depois de um longo dia de sol escaldante, quase camuflados à terra avermelhada, envoltos pela exuberante cortina de árvores e ao som raro de animais. Uma orquestra de sensações que me fizeram sentir o real poder da vida presente, muito mais do que a fome insaciável de ter sempre mais.

No Xingu, a Terra respira. Ela nos oferece o oxigênio, nos põe para dormir com a escuridão, nos desperta com a claridade, deixa os pássaros cantarem, as correntezas e as brisas se moverem. Estar inserida naquele lugar me apresentou outros mundos e formas de ser. E a sabedoria ancestral com que os indígenas vivem, como o cultivo e a preparação dos alimentos, os banhos longos no Rio Buriti, a interseção com a floresta e os cuidados permanentes uns com os outros provocaram em mim a coragem de trilhar o meu próprio caminho. Precisei desligar o botão do automático para conseguir alinhar os meus batimentos cardíacos com os da Terra, ali, no coração do Brasil.

Instantes como esses, eu tenho certeza, foram escolhidos por alguma energia cósmica. E ter a chance de experimentar tantas culturas pelo mundo com certeza é o mais emocionante. Eu me sinto tão mais viva imersa em momentos assim do que quando infiltrada na multidão de esquinas das cidades. Foi aí que, sem dar ponto sem nó, a minha intuição mirou a descoberta de ensinamentos que foram não só a minha salvação, mas aprendizados que serviriam para guiar meus dias e criar uma nova vida, pautada na presença, no afeto e no coletivo. Os maiores valores que trago desses dias: o tempo é o nosso bem mais precioso, viver é convivência, enquanto existir é conveniência, a natureza é o nosso verdadeiro oxigênio, colocar o pé na terra é o bem-estar genuíno. ♡



Inspiradores



FREYA STARK (1893-1993)

Uma legítima influenciadora. Muito antes do significado atual, Freya Stark fez esse papel perante toda uma geração de viajantes – especialmente as mulheres.

Filha de um casal de artistas franceses boêmios, a jovem Freya se viu desde cedo diante de uma realidade sem lastro. Viu em vários endereços e países à mercê da sorte dos pais e encontrou nos livros o refúgio para suas desventuras familiares – e também de um acidente que lhe arrancou uma orelha e desfigurou parte do escopo. Foi ao ler uma tradução do livro *As Mil e Uma Noites* que definiu seu fascínio pelo Oriente, o que fomentou seu desejo de viajar para uma região tão distante e desconhecida àquela altura.

Em 1912, ela partiu da Itália para cursar línguas na Universidade de Londres, tornando-se fluente em diversos idiomas, incluindo árabe e persa. Com o

início da Primeira Guerra Mundial, voltou à Itália e serviu como enfermeira. Nesse momento, seu coração já não pertencia mais a apenas um lugar e explorar o mundo era uma necessidade urgente. Investiu uma parcela do dinheiro que ganhou de seu pai e, depois de alguns entreveros familiares, partiu finalmente rumo ao Oriente, em 1927, aportando no Líbano. Seu intuito era continuar os estudos da língua árabe, mas seu objetivo foi vencido pelo deslumbramento com o desconhecido. Contrariando leis e possibilidades, percorreu Damasco ao lado de uma amiga, ficou presa por três dias pela ousadia, mas não se deteve em sua missão.

Freya explorou, se encantou e reportou o que viu ao lançar seus primeiros artigos, em 1928. Seus livros *Baghdad Sketches* e *The Valley of the Assassins and Other Persian Tales* podem ser descritos como guias muito pessoais e peculiares de viagens em que ela faz comentários sobre cultura, costumes e história da região. Suas peripécias, sempre devidamente registradas, foram além, incluindo escaladas de grandes montanhas, viagens a Turquia, Grécia e Iêmen e a muitos mares nunca antes navegados por uma mulher sozinha.

Após completar 70 anos, esteve em áreas remotas do Afeganistão e explorou o Nepal montada em um pônei. Por seus feitos, foi nomeada Dama do Império Britânico em 1972. Freya morreu aos 100 anos, em seu chalé em Asolo, Itália. ♡

The Palm Beaches COLLECTION

O destino de férias *mais elegante* da Flórida



Ao visitar The Palm Beaches, você vivenciará experiências únicas e personalizadas de acordo com as suas preferências. Organize suas férias perfeitas. ThePalmBeaches.com

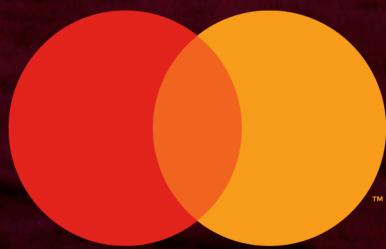


ContaGlobal



Tech & Soul

Crédito sujeito a análise. Imagem meramente ilustrativa.



c6 BANK